

BARBÁRIE

A tragédia envolvendo o jovem congolês Moise Kabagambe, espancado até a morte em uma barraca de praia no Rio de Janeiro, choca o Brasil e o mundo. O episódio diz muito sobre a cultura da morte no país sob a liderança de Bolsonaro

Foto: Reprodução

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 7 de Fevereiro de 2022 Nº 44

Eleonora Lucena crítica mídia no entrevistão da semana
TCU descobre fraude bilionária na venda da Eletrobrás

Como o PT salvou o Brasil: crescimento econômico
Pixinguinha. A história do gênio na pele de Seu Jorge

EXPOSIÇÃO VIRTUAL
CENTENÁRIO
Paulo Freire

A EXPOSIÇÃO ESTÁ NO AR

ACESSE EM: fpabramo.org.br

25 anos
FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
de Documentação e
História Política

PAUTA
BRASIL

**ASSISTA AO
PROGRAMA
PAUTA BRASIL**

SEGUNDAS, QUARTAS
E SEXTAS-FEIRAS
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO E
TRANSMISSÃO: FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

TRANSMISSÃO: PT DCM Fórum TV 247

SIGA O CANAL DA REVISTA

YouTube

focus
BRASIL

Revista Focus Brasil
191 inscritos

INSCREVA-SE

NO YOUTUBE

focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

BOLSONARO E A BARBÁRIE NOSSA DE CADA DIA

O Brasil e o mundo se chocam com o trágico episódio do jovem Moïse Kabagambe, espancado até a morte em uma barraca de praia na Barra da Tijuca. A banalidade do mal mostra como a cultura da morte se espalha com Bolsonaro.

Página 10

Túcia Vieira



EDITORIAL. Polarização está consolidada e é Lula quem lidera o projeto de país

Página 4

ENTREVISTA. Eleonora de Lucena afirma que a grande mídia tem culpa no cartório

Página 5

CRIME. País tem imagem no exterior destruída pela morte de jovem no Rio

Página 13

ELEIÇÕES. Crise econômica e pandemia atrapalham planos de Bolsonaro

Página 14

PESQUISA. Mais uma nova rodada aponta Lula na preferência popular

Página 15

MÍDIA 1. Bia Abramo mostra para onde vão os colunistas da velha grande imprensa

Página 16

MÍDIA 2. Dilma responde às críticas feitas pelo jornal: Estadinho distorce e mente

Página 18

JUSTIÇA SOCIAL. Líder Reginaldo Lopes diz que país terá rumo com o PT

Página 20

PRIVATIZAÇÕES. TCU descobre erro bilionário na venda da Eletrobrás

Página 22

ENERGIA. Lula coloca a Petrobrás no centro da política: soberania nacional

Página 25

ECONOMIA. No governo, o PT assegurou crescimento econômico e mais renda

Página 27

PORTUGAL. Socialistas conquistam nas urnas a maioria do Parlamento

Página 30

CHILE. Gabriel Boric fala em diálogo amplo e dá entrevista a Pepe Mujica

Página 31

ARGENTINA. Putin recebe em Moscou o presidente Alberto Fernández

Página 31

HISTÓRIA. Primeiro desfile de escolas de samba e a fundação do PT em 1980

Página 32

MÚSICA. A história de Pixinguinha, na pele do ator Seu Jorge, está no Telecine

Página 34

POLARIZAÇÃO CONSOLIDADA

Aloizio Mercadante

A oito meses das eleições presidenciais, o cenário aponta para uma polarização consolidada entre Lula e Bolsonaro. A chamada terceira via segue sem programa, sem unidade, sem nenhuma liderança capaz de disputar de forma competitiva as eleições.

Diante do esfacelamento do apoio popular ao seu governo e do avanço da rejeição ao seu nome, Bolsonaro vem tentando, desde o fim do ano passado, uma série de iniciativas visando o pleito de outubro. Mas, medidas importantes, como o reajuste de 10% no salário mínimo, o auxílio emergencial de R\$ 400, que nada mais é que uma versão piorada do Bolsa Família, e o Vale Gás, que foi uma iniciativa da bancada do PT, não tiveram impacto nas pesquisas de intenção de votos.

A verdade é que o negacionismo em relação à vacina, a volta da pandemia, a completa incapacidade de gestão, a estagnação econômica, a inflação de dois dígitos, a elevação do custo de vida – especialmente os preços dos alimentos, combustíveis e energia – além da alta da taxa de juros, uma das maiores entre as economias desenvolvidas, deixam pouca margem para que Bolsonaro apresente melhora relevante para a disputa eleitoral.

Por outro lado, Lula segue construindo uma agenda estratégica para o país e pautando temas de grande alcance. O primeiro, como revelaram as recentes viagens do ex-presidente para o exterior, é a inserção do Brasil no mundo e a capacidade de Lula de tirar o Brasil da condição de pária internacional criada por Bolsonaro. Outro ponto é a reforma trabalhista, a restituição de direitos e a reconstrução dos sindicatos e dos mecanismos de negociação coletiva, como foi recentemente aprovado pelo governo espanhol.

Além disso, Lula tem colocado na pauta a importância da Petrobrás para a soberania e o desenvolvimento nacional frente o desmonte de uma empresa que descobriu as maiores reservas de petróleo dos últimos 50 anos. A Petrobras foi esquartejada e hoje é refém de 400 importadores, que chegam a importar 1/3 do consumo de alguns derivados, impondo uma política de dolarização de preços.

O país precisa retomar uma política estratégica para a Petrobrás com foco no investimento no refino e em um sistema integrado de produção, distribuição e comercialização, que gerem ganho e competitividade em relação a outras economias. Depois dos nossos governos, a Petrobrás se tornou exportadora de óleo cru e importadora de produtos acabados, pressionando a fortemente a inflação e o custo de vida.

Outra questão é o desmonte do Ministério do Desenvolvimento Agrário e fim das políticas de apoio à agricultura familiar. O desmantelamento do Pronaf e do PAA comprometeu a área plantada de produtos básicos, como arroz, feijão e mandioca. Ademais, o fim dos estoques reguladores aumenta a pressão sobre o custo dos alimentos e aumenta a fome.

Sem falar no esvaziamento do BNDES, a ausência de uma política de reindustrialização do país e de impulso à ciência e tecnologia e a inovação. A política de desmatamento do desgoverno Bolsonaro gera um isolamento profundo do Brasil no concerto das nações.

Segundo o Ipam, houve uma explosão do desmatamento em terras públicas federais na Amazônia no governo Bolsonaro. De 2019 até 2021, mais de 32 mil km² de floresta devastadas, 21 vezes o tamanho da cidade de São Paulo.

O fato é que quem tem um legado portador de futuro, quadros experientes na gestão e na formulação de um diagnóstico preciso sobre os grandes desafios que se apresentam, que se opõe a toda essa barbárie bolsonarista e que é a esperança do povo é Lula. Por isso, o ex-presidente lidera todas as pesquisas e amplia as alianças para a reconstrução do Brasil.

O nosso grande desafio agora é organizar os comitês populares pró-Lula e avançar na composição da federação partidária com o PCdoB, o PSB e o PV. Em seguida, haverá a apresentação do programa de governo e a realização de uma campanha que mobilize, que emocione, que empolgue e que permita que a esperança derrote o ódio, como no passado derrotou o medo. •

“A IMPRENSA NO BRASIL PREJUDICA A DEMOCRACIA”

Ex-diretora-executiva da Folha, e uma das mais experientes jornalistas do país, hoje à frente do Tutameia, Eleonora tem uma visão crítica da velha mídia comercial. “Houve um silenciamento sobre o verdadeiro caráter neofascista de Bolsonaro”, denuncia. O resultado é a crise atual, mas ela também avalia que a esquerda errou ao não apostar na produção de notícias

**Alberto Cantalice
e Pedro Camarão**

As grandes empresas de comunicação que também costumam ser chamadas de “grande mídia” produzem um jornalismo enviesado e sem pluralidade. É assim na política, na economia e no cotidiano. Esta é a avaliação de Eleonora de Lucena, ex-diretora-executiva do maior jornal do país, a *Folha de S. Paulo*, durante 10 anos. Ela lembra que, em 2010, a então presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ), Judith Brito, declarou que, como não havia oposição ao governo no país, caberia à grande imprensa comercial exercer esse papel.

Tal ambição parece ter sido a responsável por parir a Lava Jato e também a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República. A oposição ao governo era, na verdade, oposição ao Partido dos Trabalhadores, algo que ainda está em curso. Mas que pode mudar. “Depende do mercado financeiro”, afirma Eleonora.

A experiente jornalista, que atualmente mantém na internet seu próprio veículo de jornalismo, o site Tutameia, afirma que é o mercado quem orienta a visão de mundo dos órgãos de imprensa no Brasil.

E que a posição dos veículos da mídia comercial diante do candidato do PT depende completamente do sentimento

do mercado. Nesta entrevista à **Focus Brasil**, Eleonora de Lucena analisa o trabalho realizado pelos maiores veículos de jornalismo do país e considera importante que se busque um novo modelo de jornalismo, que priorize o interesse público. Leia, a seguir, os melhores trechos.

Focus Brasil – A cobertura jornalística feita pelos grandes veículos é intrigante pela forma como vêm tentando desqualificar ou gerar desconfiança com relação ao ex-presidente Lula. Ao mesmo tempo, buscam fazê-lo parecer como Bolsonaro. Por outro lado, batem em Bolsonaro, mas são suaves quanto à política econômica. A prática jornalística está em segundo plano?

Eleonora de Lucena – Isso vem de muito tempo. Estamos vendo há muitos anos uma cobertura, falando de forma geral, muito enviesada. A mídia aceitou uma cobertura sobre o Bolsonaro de uma forma quase que surreal. Quer dizer, o presidente é um personagem que foi e ainda é tratado – seu governo e, especialmente, a área econômica – de uma maneira inaceitável. O Bolsonaro é um neofascista. Ele foi poupado por muito tempo. Durante o período da campanha eleitoral, não se teve nenhum tipo de investigação sobre quem era esse personagem, um político muito conhecido para quem, minimamente, acompanha o Congresso e conhece a situação do Rio de Janeiro.

Houve um silenciamento sobre o verdadeiro caráter neofascista desse personagem. É uma cobertura que, tomando o período eleitoral como base, começou dessa maneira. Mas, pior. A tentativa de igualar [os candidatos] na campanha eleitoral [de 2018] foi um erro. Escrevi sobre isso. Foi um erro histórico. A mídia contribuiu como muita gente diz, e eu concordo, para que Bolsonaro chegasse aonde chegou. Seja pelo silenciamento ou por outras estratégias. Houve esse conluio que acabou levando-o ao poder. Essa tática de tentar igualar Lula e Bolsonaro, pode ter tido algum tipo de sucesso lá atrás, mas vai fracassar. Aliás, já fracassou porque não tem possibilidade de qualquer cidadão aceitar esse tipo de comparação.

– Os grandes grupos de mídia têm agido mais como empresa do que como imprensa?

– Isso é evidente. Tivemos em 2010 uma declaração da então presidente da Associação Nacional dos Jornais [Judith Brito] que sintetizou bem essa preocupação. E estamos falando de 2010, no fi-

nal do governo Lula. Ela disse que como não havia oposição no país, a mídia, os jornais, tinham que desempenhar esse papel. Isso foi dito de forma explícita. Eles têm uma preocupação política, sim. E isso se agudizou de lá pra cá. Está muito presente e precisa ser dito claramente. Se há uma posição política aberta, ela tem que ser explicitada de forma transparente.

O problema no Brasil, como a gente sabe, é que a diversidade dos órgãos de mídia é pequena.

O PROBLEMA NO BRASIL, COMO A GENTE SABE, É QUE A DIVERSIDADE DOS ÓRGÃOS DE MÍDIA É PEQUENA. E ISSO PREJUDICA O DEBATE PÚBLICO E A DEMOCRACIA

Quase não há diversidade e isso acaba minando o debate, obstruindo as vias de discussão da própria sociedade. Não há canais de mídia que possam oferecer outra visão ou uma visão plural da situação. O debate não flui porque as posições são muito semelhantes. No limite, isso prejudica o país porque não há espaço público para debater ideias. E a esquerda não conseguiu construir nenhum tipo de mídia capaz de levar ao grande público sua visão de mundo. A realidade é

essa. Não há múltiplas visões, não há debate. E isso prejudica o país.

– A mídia alternativa é algo recente...

– Não. A gente teve na ditadura militar uma mídia alternativa muito forte. Naquela época, conseguiu fazer o contraponto e foi um instrumento importante na derrota da ditadura. Essa mídia não continuou... Com a volta da democracia, os grandes grupos se fortaleceram. A democracia, a inclusão social, o fim do analfabetismo, a expansão das redes de televisão, tudo isso proporcionou que um número maior de brasileiros tivesse acesso à informação. Agora, com a revolução digital, nem se fala. Mas houve uma mídia alternativa naquele período, assim como em outros da história. A gente tem hoje uma mídia alternativa que cumpre um papel importante de tentar fazer um contraponto, mas é pulverizada. Não tem peso no conjunto e acho que isso é um problema. E, principalmente, ela não é produtora de notícia. Mais repercute a pauta e a notícia que saem dos grandes grupos que continuam dando, digamos, as linhas principais do debate público. E quem tem uma visão diferente, fica dando opinião – o que é muito importante – ou debatendo, criticando essas visões, mas não há uma produção de informação que apresente outra visão de mundo.

– Essa atuação da mídia comercial tem impacto sobre a conjuntura?

– Claro. Prejudica a democracia. É o que eu estou dizendo. A democracia significa o debate. Em vários países existe o estímulo, o incentivo para que haja essa diferença, para que exista o debate, o confronto de ideias. Mas, no Brasil, está obstruído. O debate democrático está obstruído pela falta de pluralidade da mídia.



Divulgação

– O ex-juiz Sergio Moro é tratado pelos grandes veículos como um candidato normal, como se fosse digno de credibilidade, mas foi considerado pelo Supremo Tribunal Federal um juiz suspeito. Ao mesmo tempo, há jornalistas dando a entender que a operação está sendo vítima de uma “vingança” do sistema. Como você vê esse quadro?

– A essa altura do campeonato está muito claro que Sergio Moro representou e representa no Brasil os interesses norte-americanos. Isso ficou evidente em todo o processo da Lava Jato. Foi uma intervenção patrocinada, estimulada, municiada, melhor dizendo, pelo Departamento de Justiça dos EUA, com o claro objetivo de arrasar a economia brasileira, destruir empresas, atuar no sentido de demolir a Petrobrás e o pré-sal. Uma atuação para derrubar um governo que na geopolí-

tica se colocava de maneira independente em relação aos EUA. Pode-se fazer muitas críticas aos governos do PT, mas do ponto de vista estratégico o Brasil, na América do Sul especificamente, os governos Lula e Dilma construíram uma visão de independência. Da mesma maneira, tentou, com sucesso inicial, fazer uma articulação com China, Rússia, Índia e África do Sul, os BRICS.

E houve um choque com os interesses norte-americanos que desejam, há mais de um século, governos subservientes aqui na América do Sul. Então, Moro foi um instrumento e continua sendo. Sua tarefa é a destruição da autonomia brasileira, do país. E ele foi, infelizmente, incensado de maneira absolutamente equivocada, errada... Eu estou utilizando a palavra “errada”, mas talvez não seja a mais correta porque, evidentemente, há interesses

convergentes entre a mídia e os EUA. Isso está muito claro. E daí a explicação de porquê Moro foi muito propagandeado como um paladino da Justiça, quando, na verdade, agiu para destruir o país e levar adiante os interesses norte-americanos.

Agora, Moro está numa posição totalmente fragilizada porque não consegue subir nas pesquisas. Ele não consegue falar, não consegue se expressar e está exposto a um contraditório, ainda pouco agudo, que nunca teve enquanto era juiz. E isso trabalha contra ele. Acho que é uma aposta que os EUA vão ter que rever porque provavelmente não vai conseguir ter muito espaço na disputa eleitoral.

– Temos 70 milhões de pessoas que se informam somente pela TV aberta e o rádio. Há um deliberado silenciamento

não só do Lula como também dos setores progressistas. Qual caminho você acha que um governo de corte progressista, pegando as experiências vividas, pode fazer para diminuir a alienação sobre a vida do país?

– Essas coisas precisam ser vistas em conjunto. Para levar informação a essas pessoas a gente precisa ter crescimento econômico, desenvolvimento, emprego, salário. Temos que levar de fato a democracia para todas as regiões. Temos uma quantidade enorme de brasileiros que não tem acesso à informação. O que acessam é uma informação troncada, enviesada, muitas vezes deturpadas e, diria também, mentirosa. Porque essas mídias acabam reproduzindo informações não checadas. Então, de fato é uma situação que deixa as pessoas sem condição de reagir àquilo. E não há nenhum tipo de preocupação em fazer uma mídia diferente. Não há.

O que há de preocupação na esquerda é fazer publicidade e propaganda eleitoral. Não há preocupação em criar e produzir informação, em ter uma visão de mundo. É um processo muito mais complexo do que simplesmente levar qual informação, para quem e como. É uma discussão que deve incluir muitas áreas e, numa perspectiva de desenvolvimento do Brasil, essas pessoas têm que participar do debate. O que acontece é que elas não tem informação e não se sentem capacitadas, incentivadas a participar.

– Temos neste momento um encontro de problemas: a mídia cerceia a pluralidade de discursos, mas temos a avalanche das redes sociais que fragmenta ainda mais e engoliu os grandes veículos. É mais difícil chegar ao “por onde começar” porque não basta ter uma lei que impeça os monopólios.

– Sim. Sempre falamos das cinco ou seis famílias que dominam os veículos de comunicação. Mas falamos pouco das duas ou três “big techs” que dominam o mundo. Essa fragmentação é um processo que vem de décadas e diz respeito ao próprio neoliberalismo, que trabalha para atomizar os indivíduos. A ideia é romper os laços e cada um pensar no seu mundo. Essa evolução que a gente tem nas redes sociais é a expressão acabada disso. É uma estratégia

O QUE HÁ DE PREOCUPAÇÃO NA ESQUERDA É FAZER PUBLICIDADE E PROPAGANDA ELEITORAL. NÃO HÁ PREOCUPAÇÃO EM CRIAR E PRODUZIR INFORMAÇÃO

de comunicação, de dominação, de poder. Tudo está fragmentado e pulverizado. Não há uma visão de conjunto. A questão da mídia e do debate é de tentar oferecer uma visão de conjunto. Isso é importante. Pode se ter várias perspectivas, mas elas têm uma ideia do que é o país, do que precisamos ter e fazer, para onde temos que ir, de onde a gente veio.

São debates fundamentais para a definição das pessoas, das políticas públicas e isso a gente não tem. Há uma expansão enor-

me das mídias sociais que estão sendo questionadas em vários lugares do mundo e reguladas. Esse debate não chegou aqui ainda. A gente tem as empresas de mídia que fazem a produção de notícia que a esquerda não faz. Eles fazem. A gente pode dizer – e a gente diz – que é enviesado, que muitas vezes é mentiroso, que tem vícios, que é posicionado fingindo que não é. O modelo dessa mídia está numa crise sem precedentes não só no Brasil, mas no mundo todo. Saíram os dados de circulação dos jornais e da audiência do *Jornal Nacional* e de outras emissoras. Mostram uma queda de audiência. Isso ocorre por conta dessa pulverização imensa que a gente vive no acesso à informação.

Há uma confusão também entre informação e entretenimento. Muitos órgãos partiram para essa linha de jogar no entretenimento para conquistar audiência e isso joga contra a informação porque confunde as estações. Uma coisa é o entretenimento e outra coisa é a informação. O modelo tradicional está numa crise histórica. A esquerda, os progressistas, não tem tido sucesso nem em pensar numa alternativa a isso. E o avanço é cada vez maior das empresas estrangeiras que, a gente sabe, tem interesses políticos. As informações que saíram sobre Facebook e Twitter mostram isso. Tais empresas, de uma maneira geral, tendem a ter uma inclinação mais à direita. Então, acho que trata-se de uma discussão global sobre a interferência política dessas empresas e em algum momento a gente vai ter que discutir isso aqui também.

– A velha mídia assumiu um lado nos últimos anos. Agora, o Brasil tem um problema da prática jornalística em si. Falta apuração. Precisamos de um novo modelo,

como a imprensa pública do Reino Unido e outros países da Europa? É isso o que vai garantir uma cobertura mais equilibrada e plural?

– Deve-se discutir um modelo. Essa imprensa de alguns lugares da Europa sobre a qual você falou surgiu a partir da Segunda Guerra Mundial e da ascensão e derrota do nazismo e do fascismo. Nesses países, que viveram esses períodos tão terríveis da história, eles entenderam a importância da comunicação. A gente tem que discutir um modelo em que haja de fato interesse público em primeiro lugar, um debate, uma visão de construção de conversa do público. Porque aqui a gente não tem. Só temos pulverização e propaganda.

– E como você encarou a cobertura da Lava Jato? Pouco se discutiu até aqui o papel dos veículos de imprensa.

– A mídia, em geral, publicou, editou, fez as reportagens de forma a incensar a Lava Jato, colocá-la como uma operação contra a corrupção. Foi ela quem começou alardeando isso. Mas fez uma cobertura enviesada, acrítica, sem ouvir outros personagens. Faltou pluralidade. Isso é um dado inquestionável. Se a gente for fazer um estudo das páginas, da edição, se olhar o *Jornal Nacional* ou os jornais, houve enviesamento na cobertura. E isso ocorreu também no Judiciário. É uma sequência de erros que... A gente fala de "erros", mas é uma questão política. Essa coisa de atropelar as esferas de checagem, contraditório, de simplesmente publicar o que parece ser mais forte e com viés político, isso prejudicou a credibilidade da própria imprensa, do Judiciário e do Ministério Público. E, assim, tais instituições comprometeram a democracia brasileira.

– Com relação à economia, o mundo está discutindo um novo modelo. O debate é sobre o fim do receituário neoliberal. Os grandes veículos internacionais estão funcionando como palco para esse debate, mas aqui quase não se fala sobre.

– Sim. Aqui há uma mistura de fundamentalismo com provincianismo, uma visão muito dissociada da realidade. Acho que são coberturas que não levam em conta o país e o mundo. Vira uma coisa

O DEBATE ECONÔMICO NO BRASIL ESTÁ TODO ESCLEROSADO. NÃO TEM VENTILAÇÃO, NÃO TEM IDEIAS, NÃO TEM OLHAR PARA A POPULAÇÃO

repetitiva. São as mesmas opiniões sendo repetidas a de eternum. Os mesmos fantasmas são erguidos, quando a situação mundial mudou. Desde 2008 discute-se de forma muito transparente que esse modelo produz crises sucessivas que acabam provocando mais desigualdade. Há também uma tentativa de normalizar a desigualdade, essa concentração de renda cada vez mais absurda. Mas isso só se aprofundou agora com a pandemia, que mostrou o quanto é necessário, sim, o Estado, o in-

vestimento público. Os países que têm serviços públicos de saúde conseguiram de alguma maneira atacar essa pandemia. Quer dizer, a adesão quase que religiosa a essas ideias do neoliberalismo provocou mortes.

O debate econômico no Brasil está todo esclerosado. Não tem ventilação, não tem ideias, não tem olhar para a população. É uma coisa de gabinete no sentido mais caricato. Não leva em consideração a situação. E isso tudo eu acho que está desmoronando porque a pandemia está colocando em xeque esses governos que ficaram contra as evidências científicas. Muitos deles voltaram atrás, mas o Bolsonaro é um sócio do vírus. A gente sabe que ele desde sempre apostou na morte.

– Diferente do que o *Estadão* propugnava, não era uma escolha difícil. Fizeram uma escolha de fato pelo Bolsonaro.

– É claro. Eu escrevi isso. Era uma questão de civilização e barbárie e houve um baque explícito em apoio ao Bolsonaro. Inclusive, como disse, acho que a cobertura do governo foi muito leve, acrítica. Não tocou, especialmente, nas questões econômicas. A crítica vinha muito na parte de comportamento, sobre declarações, mas no grosso houve um apoio que começou a ruir quando veio a pandemia. E agora vamos ver o que vai acontecer. Há quem veja indícios de um desembarque do Bolsonaro e um apaziguamento, digamos, uma bandeira branca em relação ao candidato do PT. Vamos ver, não sei. Vai depender muito do mercado financeiro, que é realmente quem dá o tom das visões de mundo na cobertura. O mercado apostou no Bolsonaro e vamos ver se vai abandonar o presidente. Tem muita gente que já identifica alguns sinais. Acho que ainda é cedo. •

A NOSSA BARBÁRIE



Arte: Nathalie Nascimento

Jovem congolês assassinado a pauladas no Rio mostra o Brasil da vergonha aos olhos do mundo. Imprensa estrangeira cita 'debate sobre xenofobia' após a tragédia que resultou na morte de Moïse Kabagambe. A brutalidade assusta, Bolsonaro ignora o crime, enquanto Lula o condena e o PT cobra investigação rigorosa

O Brasil da brutalidade, da violência banalizada, do racismo e do horror, cujo retrato mais visível aos olhos do mundo é o governo de Jair Bolsonaro, voltou a chocar o povo e o planeta. A morte de Moïse Kabagambe, congolês de 24 anos que deixou a África para viver com a família no país, a fim de escapar da violência, ganhou as páginas da mídia nacional e estrangeira.

Ele foi espancado até a morte em 24 de janeiro, depois de cobrar o pagamento de duas diárias atrasadas no quiosque em que trabalhava, na praia da Barra da Tijuca, zona oeste do Rio. Moïse vivia no país há pouco mais de 10 anos e imaginava que na terra do samba e da alegria, poderia encontrar um futuro. Não escapou da violência. Morreu alvo de pauladas de morenos e negros iguais a ele. As imagens do assassinato correram o mundo.

A morte de Kabagambe causou tristeza e indignação no Brasil, mas também na comunidade internacional. O crime mobilizando sociedade civil, a família do jovem e o movimento negro. Eles realizaram no final de semana, atos em protesto no Rio e outras capitais. A Coalizão Negra anunciou que vai apresentar uma denúncia na ONU e senadores do PT exigem rigorosa apuração do crime. A embaixada do Congo no Brasil cobra explicações sobre o assassinato de Moïse Kabagambe.

Diante da brutalidade, o silêncio do Palácio do Planalto e da ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves, também chamaram a atenção. Até a sexta-feira, duas semanas após o crime, nenhuma palavra de consolo às famílias ou de promessa de rigor na apuração do caso, partiu do governo federal. Bolsonaro, ignorou sole-

The Washington Post

Americas

A young Congolese refugee demanded his back pay, his family says. He was beaten to death.



Reprodução

REPERCUSSÃO GLOBAL No *Washington Post*: “apanhou até a morte”

nemente a dor dos refugiados e da comunidade negra brasileira e congolês. Damares também manteve silêncio sobre o assassi-

nato, apesar da pressão do corpo técnico do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos para que a pasta se posicione sobre o assunto.

Na imprensa internacional, a notícia repercutiu fortemente, acompanhada de reflexões sobre o racismo e a xenofobia brasileira. Reportagens contundentes foram veiculadas na rede americana de televisão CNN, no serviço de rádio da Voice of America, no jornal *Washington Post*. Na Europa, veículos de mídia também abordaram o episódio, como o diário alemão *Sueddeutsche Zeitung*, a Radio France Internacional, e o canal de TV France 24, além da Al Jazeera, no Oriente Médio.

O crime levou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a reagir duramente, além de esboçar solidariedade à família de Moïse. Ele diz que a tragédia é seqüela de um Brasil governado pelo fascismo, pelo preconceito e pelo ódio, disseminados deliberada-

LULA: “O ASSASSINATO BRUTAL DO JOVEM MOÏSE, NA BEIRA DA PRAIA, NO RIO, COM UM TACO DE BEISEBOL, NÃO É NORMAL, NÃO É HUMANO”

mente por Bolsonaro. “O assassinato brutal do jovem Moïse, no Rio de Janeiro, na beira da praia, com um taco de beisebol, não é normal, não é humano”, reagiu. “É resultado de um país que está sendo governado por um fascista e por muitos milicianos”.

Moïse pertencia à etnia Hema e chegou ao Brasil em 2011 fugindo de conflitos em seu país. Ele se mudou do Congo com a mãe e os irmãos, como refugiado político, para fugir da guerra e da fome. Até o fechamento desta edição, na sexta, 4, três homens foram presos pelo crime: Fábio Pirineus da Silva, Aleson Cristiano de Oliveira Fonseca e Brendon Luz da Silva.

A sociedade civil está indignada. O líder da Coalização Negra por Direitos, Douglas Belchior, ressalta que há indícios de que milicianos tenham envolvimento com o assassinato do jovem congolês. “É a mesma milícia, no contexto amplo e geral, que assassinou Marielle Franco, e que hoje ocupa o poder do Planalto Central, é gestor da política e sobretudo impulsor de uma lógica violenta e da própria tortura e práticas violentas por parte do Estado”, critica.

No sábado, 5, protestos foram realizados no Rio e em São Paulo. O local escolhido na capital fluminense para a manifestação é em frente ao quiosque onde aconteceu o assassinato, no posto 8 da praia da Barra da Tijuca. Em São Paulo, o ato aconteceu às 10h, em frente ao Museu de Arte de São Paulo (Masp), na avenida Paulista. Outros protestos foram realizados em Curitiba, Salvador, Belém e Belo Horizonte.

As centrais sindicais também reforçaram o pedido por justiça, além de organizações como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Ordem dos Advogados do Brasil. As entidades sindicais se solidarizam com os familiares de Moïse e todos os imigrantes, sobretudo aqueles que buscam se-

Alessandro Dantas



PERVERSIDADE O senador Fabiano Contarato lamenta o crime: Moïse é mais uma vítima da brutalidade que rotineiramente se vê no Brasil há séculos

gurança e inserção social no Brasil. “Vamos à luta por justiça por Moïse Kabagambe. Basta de racismo, xenofobia e genocídio negro!”, diz comunicado.

Na Câmara, o líder do PT, deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), defendeu que o Congresso acompanhe as investigações sobre o assassinato. Na quinta-feira, 3, o parlamentar protocolou um requerimento para a criação de uma comissão externa temporária na Câmara, com objetivo de colaborar com a análise do caso.

No Senado, a bancada do PT acionou a Comissão de Direitos Humanos para acompanhar investigações e punir os assassinos. “O jovem congolês foi espancado até a morte e a tortura foi gravada por câmeras”, destacou o líder Paulo Rocha (PA).

Presidente da Comissão de Direitos Humanos (CDH), o senador Humberto Costa (PT-PE) informou que o colegiado vai acompanhar, formalmente, o desenrolar das investigações pelos órgãos responsáveis - Ministério Público e polícia - para assegurar que o crime seja solucionado.

“Amarrado e espancado até a morte, em meio à completa indiferença dos transeuntes. Moïse é mais uma vítima da brutalidade que rotineiramente se vê no Brasil há séculos e que é enganosamente encoberta sob o manto de uma perversa narrativa de paz racial”, enfatizou o senador Fabiano Contarato (PT-ES).

O coordenador do Setorial Nacional de Direitos Humanos do PT, Renato Simões, lembra que o Brasil é um país historicamente acolhedor de imigrantes de várias nacionalidades. Porém, lamenta que exista outro Brasil, que também emerge das sombras do neofascismo, estimulado pelo governo Bolsonaro na promoção da tortura, da prática de racismo, da xenofobia e LGBTfobia.

“É preciso criar mobilização na opinião pública e, com a busca da justiça, criar um novo tipo de comportamento na sociedade brasileira. A coibição desse crime deve ser o início de uma reação importante com repercussão no Congresso Nacional, na imprensa, entidades civis e partidos políticos”, ressalta. •

Calls for justice after DRC refugee murdered in Brazil

Family say Moise Kabagambe, 24, was fatally beaten after asking for two days overdue wages from his Rio de Janeiro employer.



A refugee from the Democratic Republic of Congo has been killed in the upscale Barra da Tijuca neighborhood of Rio de Janeiro after his family said he asked for unpaid wages. [File: Sergio Moraes/Reuters]

CRIME E CASTIGO. COMO A IMPRENSA ESTRANGEIRA VÊ O PAÍS? VIOLENTO

O impacto do espancamento do jovem negro até a morte sobre a imagem do país no exterior é enorme. Muitos veículos deram ampla cobertura ao episódio trágico, destacando o velho problema nacional do racismo e, agora, da xenofobia latente. Na CNN, reportagem destacou a onda de indignação provocada pela morte de Moïse no país. “O assassinato de Kabagambe desencadeou uma campanha nas redes sociais, onde muitos brasileiros – incluindo celebridades locais – estão pedindo por justiça”, aponta a emissora estadunidense. O material ainda relacionou diretamente o caso ao racismo: “A discriminação racial continua presente em muitas partes do Brasil, onde afro-brasileiros são frequentemente alvos de ataques por motivos raciais”.

O jornal americano *Washington Post* escutou especialistas

que argumentam que o racismo e o aumento na violência contra grupos que sofreram opressão histórica no Brasil estão diretamente relacionados ao assassinato. “Mesmo em um país acostumado com episódios aleatórios de extrema violência, a selvageria do espancamento deixou muitos brasileiros chocados e sem respostas”, diz a reportagem do correspondente Terrence McCoy, que vive no Rio.

A jornal norte-americano afirma ainda que o assassinato reflete a onda de violência que atinge as praias do Rio de Janeiro todos os verões, quando são frequentes os arrastões e muitos dos roubos terminam em agressões. “Em reportagem publicada na segunda-feira, o jornal *O Globo* contou 12 atos violentos de multidões contra indivíduos nas praias”.

A Voice of America (VOA) apon-

Reprodução

tou em reportagem que a morte do congolês provocou “protestos e debate sobre xenofobia” no país. O britânico *Daily Mail* anunciou o protesto que aconteceu no sábado, em frente ao quiosque onde Moïse trabalhava na Barra da Tijuca. O jornal também cita as notas de repúdio emitidas por organizações de direitos humanos nacionais e internacionais.

“A Human Rights Watch disse que o assassinato violento de Kabagambe ‘merece o mais absoluto repúdio da sociedade brasileira’, pois ocorre em um contexto de aumento da violência contra os negros no Brasil”, diz o jornal. “A embaixada da República Democrática do Congo pediu uma investigação minuciosa e afirmou que este foi o quinto assassinato de um imigrante congolês no Brasil desde 2019”.

Na Alemanha, o jornal *Sueddeutsche Zeitung* destacou a “ironia cruel” presente na história de Moïse, que fugiu da violência de seu país mas acabou vítima de agressão no Brasil. O periódico faz fortes críticas ao racismo generalizado no Brasil, a última nação do hemisfério ocidental a abolir a escravidão.

“Assassinatos semelhantes são uma triste parte da vida cotidiana no Brasil e especialmente no Rio. Em média, uma pessoa é morta a cada dez minutos no maior país da América do Sul, e o derramamento de sangue quase não chama a atenção, especialmente quando – como no caso de Moïse Kabagambe – um jovem negro é a vítima”, diz o texto.

No Oriente Médio, a emissora Al Jazeera destacou os “pedidos por justiça” que se seguiram à morte do congolês. “O assassinato provocou indignação em todo o Brasil, onde muitos pediram um acerto de contas sobre como os refugiados e requerentes de asilo são tratados no país”, aponta a emissora do Catar. •

COVID, DESEMPREGO E MISÉRIA REPROVAM JAIR BOLSONARO

A piora da conjuntura, com agravamento da crise por conta da condução da política econômica e do impacto da pandemia no país, colocam o presidente na sua posição mais frágil. Para 65%, a economia está no caminho errado

Matheus Tancredo Toledo

A economia e pandemia continuam sendo grandes fontes de preocupação para os brasileiros neste início de 2022. É o que apontam as pesquisas mais recentes divulgadas

pelos institutos de opinião. Neste artigo, trazemos as análises do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo, sobre os levantamentos. Em janeiro, apontamos que os dois temas eram o que impulsionavam a reprovação popular ao governo de Jair Bolsonaro.

Levantamento do Ipespe, realizado entre 24 e 25 de janeiro, com 1 entrevistas telefônicas e margem de erro de 3,2 pontos percentuais, confirma a tendência observada antes. Para 65% da população, a economia brasileira está no caminho errado. Essa percepção tem relação direta com as finanças pessoais. O

mesmo instituto já havia apontado em outra pesquisa, realizada entre 10 e 12 de janeiro, que há perspectiva de aumento do endividamento pessoal para 32% dos entrevistados. Outros 34% temem que continuem endividados ao longo do ano.

O instituto Quaest traz outro retrato da percepção do eleitorado brasileiro. Realizada no início de janeiro, o levantamento traz quais são os problemas que mais afligem a opinião pública. O levantamento, feito entre 6 e 9 de janeiro, com 2 mil entrevistas presenciais – e com dois pontos de margem de erro – aponta que a economia (37%), a pandemia (28%), questões sociais (13%) e a corrupção (9%) são as principais preocupações da população.

Ao analisar os dados de maneira mais atenta, percebe-se que a compreensão dos problemas econômicos passa pelo emprego e renda, visto que a composição dos 37% está colocada da seguinte forma: 17% mencionaram o desemprego, 10% o crescimento econômico e 9% a inflação.

Soma-se a isso a menção feita às questões sociais – 9 pontos percentuais dos 13% que apontaram tais aspectos destacaram que suas maiores angústias são o aumento da fome e da miséria no país. Segundo o Quaest, há grande preocupação com a pandemia: 69%. É o maior índice registrado desde setembro. A sensação de deterioração das finanças pessoais aflige 51% e da economia brasileira, 66%.

De acordo com o instituto, é possível vincular tais aspectos à reprovação de Bolsonaro. Quando questionados sobre o desempenho do presidente em relação a alguns desses temas, fica notória a percepção do baixo desempenho do governo Bolsonaro.

OS PROBLEMAS DO PAÍS

37%

Economia

28%

Pandemia

13%

Questões sociais

80%

da população desaprova a atuação do presidente no combate à inflação

Fonte: Quaest

Nada menos que 80% desaprovam a atuação do presidente no combate à inflação, 61% o acusam de não combater as queimadas na Amazônia, 63% consideram que ele não trabalha pela geração de novos empregos – mesmo número dos que desaprovam a atuação dele no combate à Covid-19. Outros 61% se preocupam com violência e clamam pela redução da criminalidade e 58% mostram lamentam a falta de combate à corrupção.

Tais percepções mantêm a reprovação ao governo em patamares elevados. Segundo a pesquisa mais recente, feita pelo PoderData entre 31 de janeiro e 1º de fevereiro, com 3 mil entrevistas por telefone e margem de erro de 2 pontos percentuais, o governo de Bolsonaro é considerado ruim ou péssimo para 53% dos brasileiros, enquanto 27% o consideram ótimo ou bom e 17% veem como regular. Outros 3% não souberam opinar. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Noppe, da Fundação Perseu Abramo.

LULA LIDERA COM 41%

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é líder isolado na corrida eleitoral para o Palácio do Planalto. Segundo pesquisa PoderData, realizada entre 31 de janeiro e 1º de fevereiro, Lula tem 41% das intenções de voto contra 30% do presidente Jair Bolsonaro.

Em terceiro lugar, aparecem Ciro Gomes (PDT), com 7% – crescimento de 4 pontos percentuais – e Sergio Moro (Podemos), também com 7%. Desde o lançamento da pré-candidatura do ex-ministro da Justiça de Bolsonaro, é a primeira vez que Moro fica em empate numérico com o candidato do PDT. Ele não decolou.

Os outros candidatos seguem embolados: João Doria (PSDB) tem com 2%; assim como André Janones (Avante). Os demais concorrentes têm cada um 1%: Alessandro Vieira (Cidadania), Simone Tebet (MDB) e Rodrigo Pacheco (PSD). Luiz Felipe d'Ávila (Novo) não chegou a 1%.

Se a disputa pelo 2º turno ocorresse agora, o petista teria 54% das intenções de voto, contra 37% do atual presidente. A diferença percentual é de 17 pontos, ante 22 pontos no último levantamento, de duas semanas atrás.

A pesquisa foi realizada pelo PoderData por meio de ligações telefônicas. Foram 3 mil entrevistas em 238 cidades nas 27 unidades da federação. O registro no TSE é BR-09445/2022. O intervalo de confiança é de 95%. A margem de erro é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos. •



E O PT? QUE O DIGAM OS NEM NEM

Diante do que sugerem as pesquisas de opinião, o país assiste à imprensa corporativa a se colocar, mais uma vez, diante de “uma escolha difícil”. Colunistas de opinião e jornalistas seguem buscando a “terceira via” das maneiras mais canhestras

Bia Abramo

Em 8 de outubro de 2018, às vésperas do primeiro turno, os editorialistas do Estadão, horrorizados de não haver nenhum candidato de centro com chance de cegar ao segundo turno, cometeram o famoso editorial “Uma escolha muito difícil”. Ter de escolher nas urnas entre Jair Bolsonaro – “o

truculento apologista da ditadura militar” – e Fernando Haddad – “o preposto de um presidiário” – estava tirando o sono dos editorialistas do jornalão fundado em 1875.

O título do editorial deve ter sido levado a sério por muitos leitores, que apertaram 17 com força e até com gosto no escurinho da urna. Na esquerda virou piada, meme e colou indelevelmente à jornalista Vera Magalhães.

Em 2022, depois que o governo Bolsonaro se mostrou desastroso em todos os setores, sobretudo na condução genocida da pandemia, que deixou um rastro até agora de 630 mil mortes, a imprensa corporativa tem sido incapaz de defender o presidente, ainda que continue sendo leniente com o ministro da Economia, Paulo Guedes, e suas previsões mirabolantes.

No entanto, diante do quadro

eleitoral que se desenha, com Luiz Inácio Lula da Silva livre, inocentado e elegível à frente, Bolsonaro aferrado a seu núcleo em torno dos 25% e, de novo, uma centro-direita lutando pelo que sobra da soma das duas pré-candidaturas à frente das pesquisas, a aposta conservadora é que emerja o super candidato de centro, capaz de roubar as franjas dos índices de rejeição do ex-presidente e do atual.

Demétrio Magnoli, notório opositor das cotas raciais, em sua coluna de "O Globo", decretou a morte da terceira via, afirmando que Lula, o terrível demiurgo, já selou o fim dela, uma vez que sua estratégia de campanha, segundo ele, é ocupar o centro. "A democracia unida contra o autoritarismo – eis a mensagem que o candidato procura veicular."

Tentando fazer jus ao passado esquerdista, Magnoli alfineta: "Reconciliação é o nome de seu jogo". O alvo é jogar um caminho de desconfiança nas aproximações entre Geraldo Alckmin e Lula. "José Dirceu, um realista que sabe calcular, já apresentou sua defesa do pacto lulista. Para persuadir a esquerda, sugere que a presença de Alckmin destina-se a evitar uma futura desestabilização do governo Lula pelas maléficas elites. Talvez cole, mas Dirceu sabe que a lógica estratégica é outra", arrisca.

Também em "O Globo", ainda esta semana, Merval Pereira, que não tem nenhum passado de esquerda a preservar e aposta todas as fichas em Sergio Moro, ex-ministro de Bolsonaro, afirma com todos os efes e erres que o ex-juiz, apesar do desempenho píffio nas pesquisas, assusta tanto os outros candidatos a ponto de provocar "reações raivosas". "É 'canalha', segundo Lula; 'ladrão e desonesto', para Ciro Gomes, e 'traidor', para Bolsonaro". Merval ainda insinua que Lula quer fugir

dos debates, só porque o ex-presidente criticou o velho formato. Quem certamente vai fugir dos debates é Moro, que não tem muito a dizer além de repetir a palavra "corrupção".

Eliane Cantanhede não esconde seu entusiasmo pelo velho PSDB. Em 2010, sua coluna na *Folha* sobre a convenção que consagrou José Serra candidato a presidente tinha o simpático título: "O partido das massas cheirosas". Uma observação atribuída em *off* a algum assessor. É só acionar qualquer mecanismo de busca para achar vídeos com ela dizendo essa frase quase emocionada.

Em 16 de janeiro, no *Estadão*, ela faz quase um apelo: "Não tem jeito?" Segundo a colunista, desistir da terceira via, "favorece Lula". Órfã do saudoso PSDB de Serra e FHC, que não emplacou nenhum nome na campanha, ela adverte: "E, por exemplo, se Bolsonaro meteu a mão nos órgãos de investigação (PF, Receita, Coaf...), Lula aparelhou os da grana (BNDES, CEF, agências reguladoras)."

Singelamente, termina, de novo, quase implorando: "Conclusão: vai ter muita lavagem de roupa suja e, quando a máquina esquentar, a imagem de hoje pode descongelar. É cedo para jogar a toalha".

E Vera – "uma escolha difícil" – Magalhães? Agora apresentadora do "Roda Viva", e comentarista da CNN, ela anda mais discreta, ainda que assine uma coluna no Globo. Vera, cuja carreira na rádio oficiosa do bolsonarismo, a Jovem Pan, não deixa dúvida sobre suas posições antipetistas, comenta a cratera que se abriu esta semana na Marginal Tietê: "Os adversários do governador não deixarão de utilizar o buraco do Metrô da mesma forma".

Vera não entende, ou finge não entender, que não se trata

de mera "retórica", recurso no qual Doria, um marqueteiro que se disfarça de gestor, é expert. O metrô de São Paulo é tão atrasado e adiado que nenhum paulistano acredita mais nas previsões. E, de fato, ter uma cratera em plena Marginal Tietê não é apenas uma pedra nos sapatos de cromo alemão de BolsoDória, mas um problema grave numa cidade como São Paulo.

E a Folha? Mobiliza dia sim outro também seu exército de liberais para insuflar o antipetismo. Na semana passada, foi a vez de Joel Pinheiro da Fonseca, o "economista" e "mestre em filosofia pela USP" que já defendeu a venda legal de órgãos – de pobres, naturalmente. Em texto publicado no site do Instituto Mises, o think tank da neodireita, ele escreveu: "Há uma demanda consistentemente maior do que a oferta, que é mantida artificialmente baixa, graças à política do preço zero. Permita que os preços subam, que doadores sejam recompensados pelo valor que ofertam e mais vidas serão salvas".

Morista de primeira hora, Fonseca ajuda a manter o antipetismo atávico da Folha. Na coluna "Que Lula é Esse?", afirma: "O apoio a ditaduras e proto-ditaduras de esquerda no continente também casa mal com o 'Lula paz e amor'. (...) indica um risco mais concreto: se a degradação e o aparelhamento institucionais de líderes populistas de esquerda acabou com a democracia e com a economia em vizinhos nossos, o que não garante que o líder brasileiro que elogia e se alinha a esses regimes não tentará fazer o mesmo por aqui?". Tivessem substituído a coluna por qualquer meme "E a Venezuela, hein?", o jornalão da Barão de Limeira economizaria dinheiro e vergonha alheia.

E ainda estamos apenas em fevereiro... •



A MÍDIA E AS PAUTAS-BOMBAS

Ao contrário do que pretende o *Estadinho*, não se deve esconder, o fato de que, mesmo debaixo da mais massacrante sabotagem política já promovida no Congresso a um governo democrático, por meio de um boicote brutal das ações administrativas, alcançamos resultados fiscais superiores aos de governos anteriores

Dilma Rousseff

O editorial de domingo, 30, do jornal *Estado de S. Paulo* mostra que a miopia do *Estadão*,

que hoje tem aumentativo apenas no nome de fantasia, não é doença, mas extremismo de direita. Calculado e indisfarçável.



O jornal, que vem diminuindo ano a ano, inclusive fisicamente, hoje é um tabloide movido por uma obsessão: impedir a eleição democrática em outubro.

Já fez isto em 2018 quando, na véspera da eleição, jogou no lixo o que restava de dignidade à antiga família Mesquita para cometer o crime de

afirmar que a opção entre um professor universitário, reconhecidamente democrata, e um deputado fascista era uma escolha difícil para o eleitor.

O *Estadão* já pode ser chamado de *Estadinho*. Apequenou-se, inclusive no tamanho das páginas. E segue no caminho do desaparecimento, depois de perder leitores e público, com tiragem cada vez menor. Segue movido apenas por obsessões

que, em vez de disfarçar, ressaltam as mentiras que publica.

Exatamente ao contrário do que diz o jornal, estão frescas, na memória do povo brasileiro, os resultados produzidos pelos oito anos de governo Lula e pelos quatro anos que me foi dado o direito de governar sem a sabotagem aberta e sem o golpismo iniciado exatamente no dia em que fui reeleita.

Cumpri um ano e três meses de governo no meu segundo mandato com sabotagem escancarada e instrumentalizada inclusive nas páginas do *Estadinho*. O país tem as lembranças populares da realidade e dos fatos e não do ódio do jornal e da imprensa oligopolista brasileira.

Lula deixou seu segundo mandato com mais de 80% de aprovação e reconhecimento popular. Eu, durante meu mandato inteiro, dei continuidade às grandes realizações de Lula. Mas fiz mais. Ampliei as iniciativas que transformaram o Brasil num país bem-sucedido e o brasileiro num povo feliz e com a maior autoestima de sua história.

No primeiro mandato, entre 2010 e 2014, apesar da forte oposição que enfrentei, em tese algo normal num regime democrático, meu governo produziu algumas das maiores realizações da história do país – contra a vontade do *Estadinho*, é bom que se diga.

Em 2014, conquistamos a menor taxa de desemprego da história do país – uma média mensal de 4,8%, que caracteriza uma situação de pleno emprego. Trabalho formal, é justo dizer. Empregos com carteira assinada e direitos trabalhistas, que o *Estadinho* e os governos que o jornal apoiou e apoia destruíram, depois de me derrubar.

Não causa surpresa que o jornal, tanto quanto os golpistas que me destituíram sem que até

hoje tenha sido caracterizado crime de responsabilidade, classificados como “teorias ultrapassadas e equivocadas”, que devam “ser escondidas”, o repetido acúmulo de recordes mensais de Investimento Estrangeiro Direto no país. No meu governo, ampliamos a conquista de Lula e chegamos à marca de US\$ 370 bilhões em reservas internacionais. Parece trivial, mas na história brasileira tal valor jamais foi alcançado.

Entendo que, exatamente ao contrário do que pretende o *Es-*

CUMPRI UM ANO E TRÊS MESES DO MEU SEGUNDO MANDATO COM SABOTAGEM ESCANCARADA DO CONGRESSO E DA VELHA MÍDIA

ta *adinho*, não se deve esconder, de maneira alguma, o fato de que, mesmo debaixo da mais massacrante sabotagem política já promovida no Congresso a um governo democrático, por meio de pautas bombas e de um boicote brutal das ações administrativas, processo iniciado no dia exato da minha reeleição, ainda assim alcançamos resultados fiscais rigorosamente superiores aos exibidos nos períodos de governo de FHC.

Por óbvio, a história elitista

e de exclusão social do *Estadinho* – que sempre teve o condão de liderar a plutocracia paulista – não permite acreditar que o porta-voz do mais radical conservadorismo brasileiro pretenda dar importância a resultados extraordinários alcançados pelo meu governo, que são dignos de serem exibidos com orgulho em qualquer campanha eleitoral.

Foi no meu mandato, em 2014, que o Brasil conquistou a maior de suas façanhas: sair do Mapa da Fome da ONU. Graças a todas as políticas que realizamos desde a posse de Lula, em 2003. Também foi sob o meu mandato, cujas realizações o jornal gostaria de esconder, que pela primeira vez na história 63 milhões de brasileiros tiveram acesso gratuito à assistência de saúde, por meio do programa Mais Médicos.

Além disso, nunca em nossa história, mesmo em governos democráticos, nos governos do PT e no meu em particular nunca tantos brasileiros de baixa renda obtiveram o direito de acesso à casa própria, com o Programa Minha Casa Minha Vida, e ao ensino superior, através da política de cotas e de facilidade de acesso a universidades privadas.

Para o *Estadinho*, é melhor que tudo isto seja escondido dos brasileiros. Sobretudo em uma campanha eleitoral. Mas como os brasileiros já há muito tempo não acompanham mais o jornal, sem dúvida saberão o que o meu governo fez. E se orgulha de ter feito. E, na medida do possível, continuará vendo ser realizado, a partir de 2 de janeiro de 2023, quando Lula assumirá pela terceira vez a Presidência da República.

Contra a vontade do *Estadinho*. Mas pela força do povo. A força da maioria do povo. Como nas grandes e melhores democracias. •



Reprodução

PROMOVER JUSTIÇA SOCIAL PARA RECONSTRUIR O BRASIL

Além da tarefa imediata de combater a fome e a insegurança alimentar que afligem mais de 100 milhões de pessoas, temos a responsabilidade de reerguer a economia, a começar pela indústria

Reginaldo Lopes

O seminário Resistência, Travessia e Esperança, promovido na última semana pelo Partido dos Trabalhadores, as lideranças do PT na Câmara e no Senado, a Fundação Perseu Abramo e o Instituto Lula, diagnosticou os enormes problemas enfrentados pelo povo brasileiro. E, ao mesmo tempo, busca encontrar caminhos para tirar o Brasil do atoleiro econômico, social e ambiental.

O ex-presidente Lula e a ex-presidenta Dilma, durante o seminário, deixaram clara a necessidade de se criar condições de governabilidade para a suplantação da crise sanitária, política e social provocada pelo modelo neoliberal implementado com o Golpe de 2016 e aprofundado pelo neofascista Bolsonaro.

As duas bancadas, junto com os movimentos sociais, sindicais e populares – e diferentes setores da sociedade – têm a responsabilidade de contribuir com o grande movimento que está sendo criado em torno do ex-presidente Lula. Temos que construir uma maioria, a priori numérica e, no futuro, política.

O PT tem como enriquecer o debate com novos elementos, nossas ideias sobre democracia, economia, consumo, direitos econômicos, ambientais, sociais e trabalhistas. E elaborar diretrizes para um país com inclusão social, geração de renda e empregos e que garanta o futuro a uma juventude que hoje padece com o desalento e a desesperança.

Como o presidente Lula costuma dizer, precisamos recuperar



o nosso legado. Quando o PT esteve à frente do governo federal, os avanços foram superlativos. Alguns países que fizeram revolução talvez não tenham avançado tanto quanto o Brasil. Naquele

período, o país alcançou o pleno emprego, criando 20 milhões de postos de trabalho e mantendo os direitos trabalhistas. Além disso, os governos Lula e Dilma quadruplicaram os recursos para a educação, levaram mais de 50% de negros à universidade, tiraram o Brasil do Mapa da Fome, pagamos a dívida externa e projetamos o país no cenário mundial. Avanços em todas as áreas.

Com Bolsonaro, o cenário é catastrófico. O Brasil perdeu mais de 35 mil indústrias, uma média de 17 por dia. O crescimento econômico é pífio, ante número expressivos dos governos Lula (4,6% em média) e de Dilma (3,5%).

Além da tarefa imediata de combater a fome e a insegurança alimentar que afligem mais de 100 milhões de brasileiros, temos a responsabilidade de reerguer a economia brasileira, a começar pela indústria. O Brasil não pode se transformar na roça do mundo, tampouco ficar orbitando em torno dos bancos. É preciso reorganizar nosso modelo econômico. O atual, calcado em produtos primários, aprofunda nossa condição de país periférico.

As exportações de grãos – junto com a de minérios – suscitam outra reflexão para um futuro governo: praticamente não pagam impostos e não agregam valor. Quantos milhões de empregos poderiam ser criados com a agregação de valor nas exportações de soja e minérios?

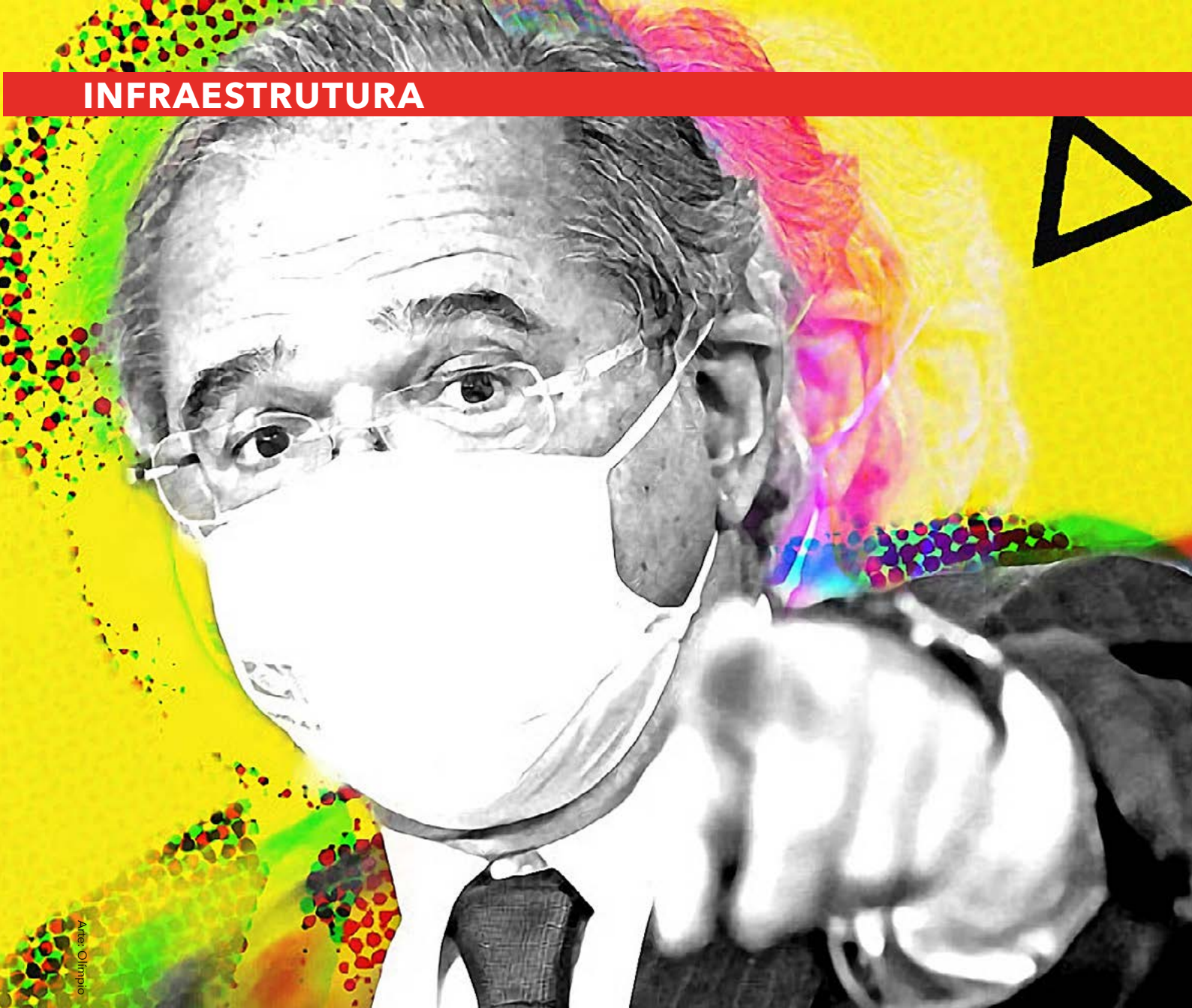
Até a estratégica Petrobrás foi levada a tornar-se exportadora de petróleo bruto e importadora de combustíveis, numa política antinacional que precisa ser revista, pois deixou a empresa à mercê de acionistas, em boa parte estrangeiros, em detrimento do povo brasileiro.

Temos a chance de fazer uma transição histórica, resgatando direitos e a democracia, mas elevando o Brasil a outro patamar civilizatório e de desenvolvimento. Desenvolver um modelo econômico de baixa produção de carbono, intensificar a produção tecnológica e o desenvolvimento digital, áreas em que o Brasil sofreu abissal retrocesso com o Golpe de 2016 e Bolsonaro, e trilhar o caminho da questão ambiental e ecológica, o que abre oportunidades num mundo sedento por sustentabilidade.

É prioritária uma nova matriz descentralizada de desenvolvimento econômico, com a valorização do associativismo, do cooperativismo, financiamentos de fábricas e produção de novas tecnologias. Temos condição de fazer uma nova indústria – clima, gente, inteligência, um grande complexo de universidades – e realizar a transição para uma economia digital e matriz energética limpa a sustentável.

É preciso começar 2022 integrando todos os setores do nosso partido e da militância para que colaborem e atualizem o nosso Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil. O PT e o presidente Lula trazem a esperança de dias melhores. Lula é o líder capaz de construir novos valores, conceitos e trazer de volta a alegria, a tolerância e a autoestima do povo brasileiro. •

* Deputado federal por Minas Gerais, é líder do PT na Câmara dos Deputados.



LESA PÁTRIA

O ERRO BILIONÁRIO NA ELETROBRÁS

TCU aponta falha metodológica identificada nos estudos técnicos que resultam em subavaliação no valor da outorga das usinas. Privatização da estatal seria feita com erro "gigantesco". O PT insiste que Congresso discuta o caso e a política de desinvestimento promovida por Paulo Guedes



Agência Senado



Divulgação/Eletróbras

PARA QUÊ A PRESSA? O senador Jean Paul Prates (PT-RN) apresentou projeto que obriga o governo a submeter ao Congresso Nacional qualquer proposta de venda das estatais, inclusive das subsidiárias, como manda a Constituição

A bomba estourou na quarta-feira, 2: um erro metodológico identificado nos estudos técnicos referentes à privatização da Eletróbras, o negócio suspeito que o governo Bolsonaro tenta empurrar a qualquer custo, revelou uma subavaliação “gigantesca” no valor da outorga. O montante exato só será conhecido quando o ministro Vital do Rêgo devolver o processo ao plenário do Tribunal de Contas da União (TCU).

O ministro pediu vista do caso na última sessão de 2021, quando o relator da venda da Eletróbras, ministro Aroldo Cedraz, apresentou um voto com ressalvas, entre as quais o próprio valor da outorga: definido em R\$ 23,2 bilhões. Uma falha metodológica relacionada à potência das usinas hidrelétricas da Eletróbras mostra uma subavaliação. Segundo Cedraz, o governo não conseguiu comprovar que a venda da Eletróbras é benéfica ao consumidor.

“Se essas eventuais obras [de desestatização] não tiverem como assegurar os serviços afetos ao setor, eu diria que restarão caracterizados a extrapolação dos conceitos delineados na nossa Carta Magna”, disse Cedraz, no seu voto, exposto em dezembro.

O líder da Minoria, o senador Jean Paul Prates (PT-RN) vem defendendo que o Congresso discuta os projetos de privatizações como o da Eletróbras e da Petrobrás. “Tais iniciativas põem em risco a soberania do país”, alerta o parlamentar. Já o ministro da Economia, Paulo Guedes, tem pressa em realizar as vendas. “Os Correios e a Eletróbras estão na pista para a privatização”, continuou.

No caso da Eletróbras, Jean Paul argumenta que não faz sentido privatizar usinas geradoras

de energia construídas pelo Estado e que já tiveram custo amortizado. “Agora que terminou de pagar o investimento, querem vender? Este é o momento de poder proporcionar uma tarifa mais acessível para o povo brasileiro”, ressalta o parlamentar.

Ele lembra que estudo da Associação dos Engenheiros e Técnicos do Sistema Eletróbras aponta diversas falhas no processo de venda da estatal, que abarcam conflitos de interesses, cálculos das garantias, valor da concessão, falta de avaliação de impacto regulatório e novos contratos de geração de energia elétrica, com aumento do preço para o consumidor. Também a Fiesp já criticou o modelo de privatização da Eletróbras, que tende a gerar menos investimentos e mais custo para a população.

O PT defende a tramitação de dois projetos de lei de Jean Paul Prates, que preveem a necessidade de autorização do Congresso para a venda de ações e de subsidiárias de empresas públicas. O objetivo é impedir a venda fatiada das empresas, como vem ocorrendo com a Petrobrás. “O governo federal vem se desfazendo de subsidiárias, controladas e ações, de forma a privatizar lentamente o patrimônio da população brasileira, sem debater o tema com o Congresso ou com a sociedade”, denuncia Jean Paul.

**TCU APONTA
QUE A OUTORGA
DAS USINAS
HIDRELÉTRICAS QUE
O GOVERNO QUER
VENDER POR
R\$ 23,2
BILHÕES ESTÃO
SUBAVALIADAS**

O governo pretende realizar ainda em 2022 a capitalização da Eletrobrás, mas o calendário eleitoral e os entraves no TCU colocam a programação em sério risco. Anunciado na gestão do ex-presidente Michel Temer, que tomou o poder com o impeachment fraudulento da presidenta Dilma Rousseff, o processo de privatização da Eletrobrás está em tramitação no TCU desde 2018.

Na última sessão, realizada em dezembro do ano passado, o ministro Walton Alencar, aliado de Bolsonaro no TCU, demonstrou desconforto com o pedido de vista de Vital do Rego. Ele disse que o TCU estava dando ao mercado a impressão de que a Eletrobrás “não seria privatizada”.

“E não deve mesmo”, reforça Jean Paul Prates. “As estatais são importantes para o país e qualquer decisão de venda de ativos deve ter ampla discussão antes de se concretizar”, defende. O senador tem alertado para a incerteza quanto ao impacto da privatização do sistema Eletrobrás sobre as tarifas de energia.

Ele adverte que o país corre o risco de oligopolização do setor de energia em consequência da perda do controle da Eletrobrás pelo governo. Todas as empresas públicas e sociedades de economia mista são abrangidas pelos projetos defendidos pelo PT, como a Eletrobrás e suas subsidiárias (Chesf, Eletronorte, Eletronorte, Furnas, entre outras), Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Banco da Amazônia, Caixa, BNDES, entre outras.

Venda das refinarias

Além da Eletrobrás, os riscos para a venda de setores estratégicos para o país, como na área de energia envolvendo diretamente a Petrobrás, são muito grandes. Jean Paul Prates denuncia a ma-

nobra do Conselho de Administração da Petrobrás para a venda da participação da companhia em 22 concessões de campos de produção terrestres e de águas rasas no Rio Grande do Norte.

O negócio inclui a infraestrutura de processamento, refino, logística, armazenamento, transporte e escoamento de petróleo e gás natural. Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Petrobrás, Jean Paul ressalta que as refinarias, além de gerar empre-

SOBRE AS USINAS CONSTRUÍDAS PELO ESTADO. “AGORA QUE TERMINOU DE PAGAR O INVESTIMENTO, QUEREM VENDER?”, QUESTIONA JEAN PAUL PRATES

gos diretos e indiretos, possuem inserção nas comunidades, com projetos sociais que correm o risco de serem extintos.

Os projetos apresentados pelo parlamentar serão analisados inicialmente pela Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. O projeto de lei 3.460 prevê a exigência de autorização legislativa específica para que empresas públicas, sociedades de economia mista e suas subsidiárias ou controladas vendam ativos, quando a operação resultar em perda de controle acionário por parte do Estado. Já o projeto de lei 3.110

reforça a necessidade da aprovação do Congresso para a venda de ações de empresas públicas, com a perda do controle acionário pelo governo federal.

Jean Paul explica que a Petrobras é uma empresa integrada. Isto é, refina o petróleo que ela própria produz a custos competitivos, sendo a única empresa capaz de vender combustíveis a preços abaixo da paridade de importação e seguir obtendo lucro, de modo a manter uma curva de investimentos compatível com as necessidades de abastecimento interno.

Assim, as privatizações na área de abastecimento prejudicam a população, mas também a própria Petrobrás, que perderia capacidade de geração de caixa em setores como refino, transporte e distribuição. “O Congresso precisa deliberar sobre temas de utilidade pública, como o abastecimento de combustíveis”, defende.

A Constituição Federal prevê, no artigo 37, a necessidade de autorização legislativa para a venda de empresas estatais. Senado e Câmara acionaram o STF, alegando que a Petrobrás está burlando a legislação para repassar esses ativos à iniciativa privada sem aval do Legislativo. Mas o Plenário da Corte decidiu que a exigência não se aplica à venda do controle das subsidiárias e controladas de empresas públicas e sociedades de economia mista, o que abriu caminho para a estratégia do governo de venda parcelada do patrimônio público.

Os projetos defendidos pelo PT pretendem explicitar a exigência de autorização legislativa para a venda do patrimônio público. A mudança assegura à população brasileira, por meio de seus representantes, o direito de decidir sobre a venda do controle acionário das empresas estatais. •



LULA DEFENDE A PETROBRÁS

Ex-presidente acerta ao colocar a estatal no centro do debate nacional e explica a relação entre o preço da gasolina e o desmonte da empresa: “Compromisso tem de ser com o povo brasileiro”

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva sabe que a Petrobrás tem papel central no desenvolvimento nacional. A empresa é estratégica para a soberania nacional e precisa ter compromisso com o povo brasileiro e não com os acionistas minoritários. Em entrevista concedida à Rede de Rádios Paraná, Lula defendeu a empresa e disse que não existe razão para o absurdo preço dos combustíveis no Brasil.

Lula explicou que a gasolina já passa de R\$ 8 em alguns estados porque o presidente Jair Bolsonaro insiste na política de dolarização de preços na Petrobrás, uma empresa pública que deveria cuidar dos interesses nacionais. “Veja que coisa ab-

surda: o preço do petróleo está internacionalizado. A gente está pagando gasolina e óleo diesel a preço em dólar”, lamentou. “Isso seria compreensível se o Brasil não fosse autossuficiente, se estivesse importando [gasolina e diesel] porque não tem petróleo. Mas o Brasil tem petróleo e é autossuficiente”.

Ele atacou diretamente o problema da manutenção da política de preços do petróleo com o mercado internacional. Segundo Lula, há dois motivos para a Petrobrás praticar preços em dólar para combustíveis produzidos no Brasil. O primeiro é garantir mais lucro aos acionistas da empresa, em grande parte gente rica de outros países. Vale lembrar que, no ano passado, a empresa pagou a aos acionistas minoritários

nada menos que R\$ 63,4 bilhões.

A outra razão é ajudar as empresas norte-americanas a vender sua gasolina para o Brasil. Se não fossem os preços em dólar da Petrobrás, o combustível importado seria mais caro, e ninguém, em sua consciência, o compraria no Brasil. Então o que o governo Bolsonaro faz? Aumenta o preço da gasolina brasileira para que a americana também tenha espaço.

“Hoje, temos no Brasil mais de 400 empresas privadas importando gasolina dos Estados Unidos”, denunciou. “A responsabilidade de quem está dirigindo este país é entregar para a iniciativa privada, que vai comprar gasolina dos Estados Unidos e vender para a gente a preço de dólar. Os coitados dos motoristas de caminhão,

por essas estradas, não conseguem ganhar dinheiro porque gastam tudo com óleo diesel”.

Lula falou a verdade. E, na quinta-feira, 4, o general Joaquim Silva e Luna, presidente da Petrobrás, confessou: “o abastecimento do mercado tem que ser uma oportunidade para todos” (leia-se, empresas estrangeiras). Luna também deixou claro que a empresa, sob sua gestão, não se preocupa com a população, ao dizer que “a Petrobrás tem responsabilidade social, mas não pode fazer política pública”.

Por que não pode se é uma empresa pública, criada pelo povo brasileiro e que pertence ao povo brasileiro? Durante os governos Lula e Dilma, a empresa não só manteve o preço dos combustíveis estáveis como também investiu no país, gerando novas tecnologias e milhões de empregos. Lula tem denunciado que uma das razões do impeachment fraudulento contra Dilma Rousseff foi a decisão dos governos do PT de usar a Petrobrás e o petróleo do pré-sal como ferramentas de desenvolvimento do Brasil.

“Essa é uma das razões por que deram o Golpe [de 2016] na Dilma. Como nós fizemos uma nova lei do petróleo, que garantia que o petróleo fosse do povo brasileiro, que garantia a criação de um fundo de desenvolvimento com o dinheiro do petróleo para a educação, a saúde e a ciência e tecnologia,

e tinha uma empresa criada para administrar as riquezas do pré-sal, como é feito na Noruega, eles não se aquietaram até mudar”, disse Lula.

O fato é que, após o Golpe de 2016, toda a política relacionada ao petróleo mudou para favorecer os acionistas e produtores de combustível norte-americanos. Está é mais uma evidência de que todo o processo iniciado pela Operação Lava Jato para tirar Dilma e prender Lula atendia a interesses estrangeiros. As conversas divulgadas pelo site The Intercept, no se convencionou chamar de Vaza Jato, confirmam.

Autoridades americanas e europeias deram todo tipo de apoio aos procuradores de Curitiba e ao ex-juiz Sérgio Moro, que, após concluir o serviço sujo, acabou indo trabalhar em Washington para a empresa Alvarez & Marsal, onde ganhou, em apenas 10 meses, R\$ 3,7 milhões. Um episódio, por sinal, que ainda precisa ser explicado e que levou o deputado federal Rui Falcão (PT-SP) a pedir investigação à Procuradoria Geral da República (PGR).

Agora, de volta ao país como presidenciável, Moro é um dos que defendem a privatização definitiva da Petrobrás, o que representaria um duro golpe na soberania do país e o fim das chances de o Brasil utilizar a riqueza do pré-sal para se desenvolver e melhorar as condições de vida da população. • Agência PT

**“A GENTE ESTÁ
PAGANDO GASOLINA
E ÓLEO DIESEL A
PREÇO EM DÓLAR.
E O BRASIL É
AUTOSSUFICIENTE
EM PETRÓLEO.
NÃO TEM PORQUE
IMPORTAR”**

BARROSO CONFIRMA: FOI MESMO GOLPE

Um ministro do Supremo Tribunal Federal afirma o que o PT vem insistindo desde 2016: Dilma Rousseff foi retirada da Presidência por meio de um golpe parlamentar. Em artigo para a edição de estreia da revista do Centro Brasileiro de Relações Internacionais, o ministro Luiz Roberto Barroso disse que “o motivo real” para o impeachment de Dilma foi a falta de apoio político, não as chamadas “pedaladas fiscais”.

O senador Rogério Carvalho (PT-SE) reagiu: “Barroso revela o que o Brasil já tem conhecimento. Dilma foi tirada por meio de um golpe parlamentar. O objetivo sempre foi retirar os direitos dos trabalhadores, entregar nossas riquezas e, com a ajuda da Lava Jato, eleger um projeto antipovo”.

Segundo o ministro da Suprema Corte, “a justificativa formal [para a saída de Dilma] foram as denominadas ‘pedaladas fiscais’ –violação de normas orçamentárias–, embora o motivo real tenha sido a perda de sustentação política”. Ele disse, ainda, que o sucessor de Dilma, Michel Temer, foi alçado ao poder para “implementar agenda liberal” e foi blindado pelo Congresso diante das denúncias de casos de corrupção.

Em julho de 2021, Barroso já havia tratado do golpe. “Creio que não deve haver dúvida razoável de que ela [Dilma] não foi afastada por crimes de responsabilidade ou corrupção, mas, sim, foi afastada por perda de sustentação política. Até porque afastá-la por corrupção depois do que se seguiu seria uma ironia da história”, lembrou. •



COMO O PT SALVOU O BRASIL: CRESCIMENTO ECONÔMICO

Nos governos de FHC, o PIB apresentou média anual de 2,5%. Com Lula, a taxa subiu para 3,5% e, depois, no segundo mandato, foi a 4,7%. O crescimento da economia ampliou a renda por habitante, que foi a R\$ 39,4 mil com Dilma em 2014



Eduardo Fagnani
Gerson Gomes
Guilherme Mello

No décimo segundo e último artigo da série que desconstrói as mentiras de que a política econômica do PT “quebrou o Brasil”, tratamos de mostrar como a reativação do mercado interno de consumo de massas e a expansão dos investi-

mentos públicos e privados foram motores do crescimento econômica e da melhoria da renda por habitante.

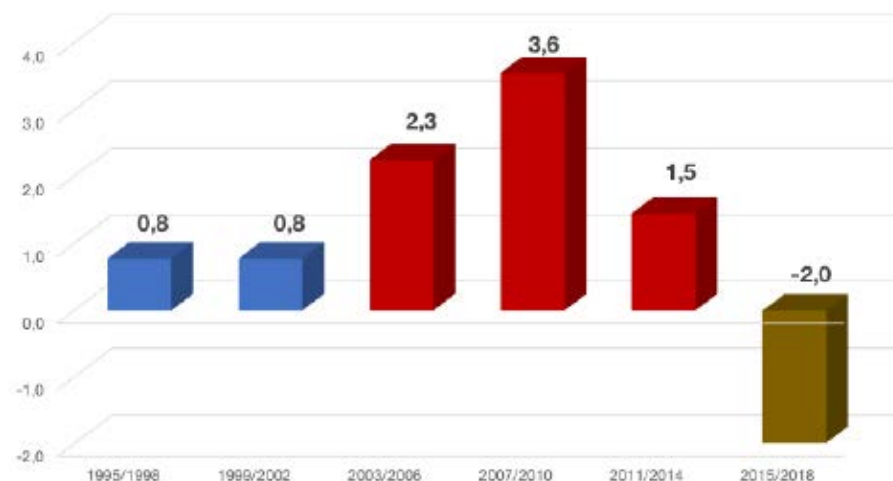
O crescimento do PIB nos governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) apresentou média anual em torno de 2,5%. No primeiro mandato de Lula, o índice subiu para 3,5% e atingiu 4,7% no segundo mandato de Lula.

Nas análises anteriores, demonstramos a falsidade da narrativa de que o PT quebrou o país apresentando fatos e números do comportamento da dívida externa. Ainda tratamos das reservas cambiais, da dívida pública interna, dos resultados primário e nominal, da queda da taxa de juros e seus impactos na redução das despesas financeiras do governo central. E, ainda, da mudança na composição da dívida, reduzindo a vulnerabilidade cambial e fiscal. O comportamento desses indicadores absolutamente não 'revela' que a economia, ao cabo dos governos petistas, estivesse vivendo "crise terminal".

Ainda mostramos que o Bra-

Crescimento do Produto Interno Bruto

Varição anual média por subperíodos: 1995-2018



Fontes: IBGE e Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Centro de Altos Estudos Brasil Século 21

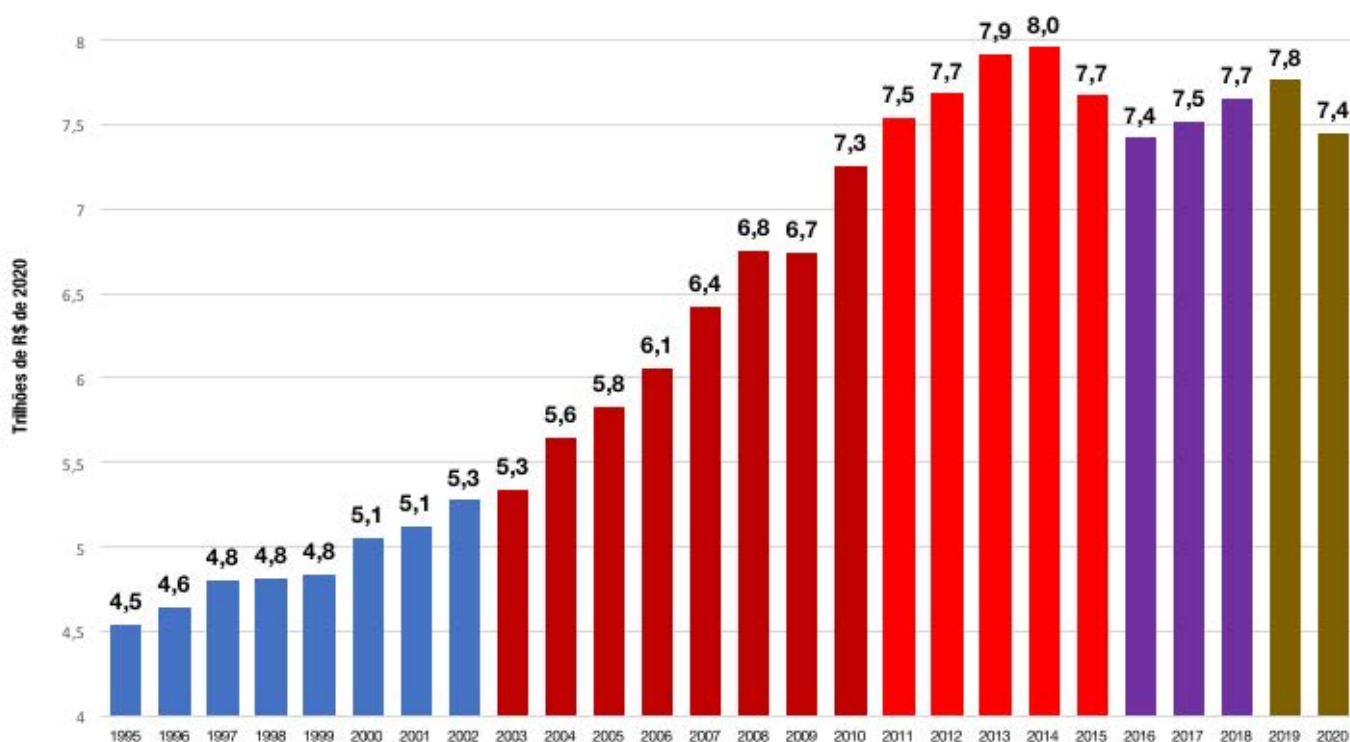
sil voltou a crescer e a redistribuir os frutos desse crescimento. Além do mercado interno, o crescimento foi impulsionado pela elevação da taxa de investimento, que subiu de 17,5% do PIB, em média, entre 1995-2002, para 19,3% do PIB, no segundo governo Lula, e 20,5% do PIB, primeiro governo Dilma. O investimento público federal também cresceu nos governos petistas: a média anual do investimento

público total – empresas estatais mais governo central – declinou, de 1,9% do PIB para 1,3% do PIB, entre o primeiro e o segundo mandato de FHC; estabilizou-se nesse patamar, entre 2003 e 2006; e subiu para 2,1% do PIB no segundo mandato de Lula, e para 2,3% do PIB, no primeiro mandato de Dilma.

No primeiro governo de Dilma, a média anual do crescimento do PIB recuou para 2,4%. Como

Produto Interno Bruto

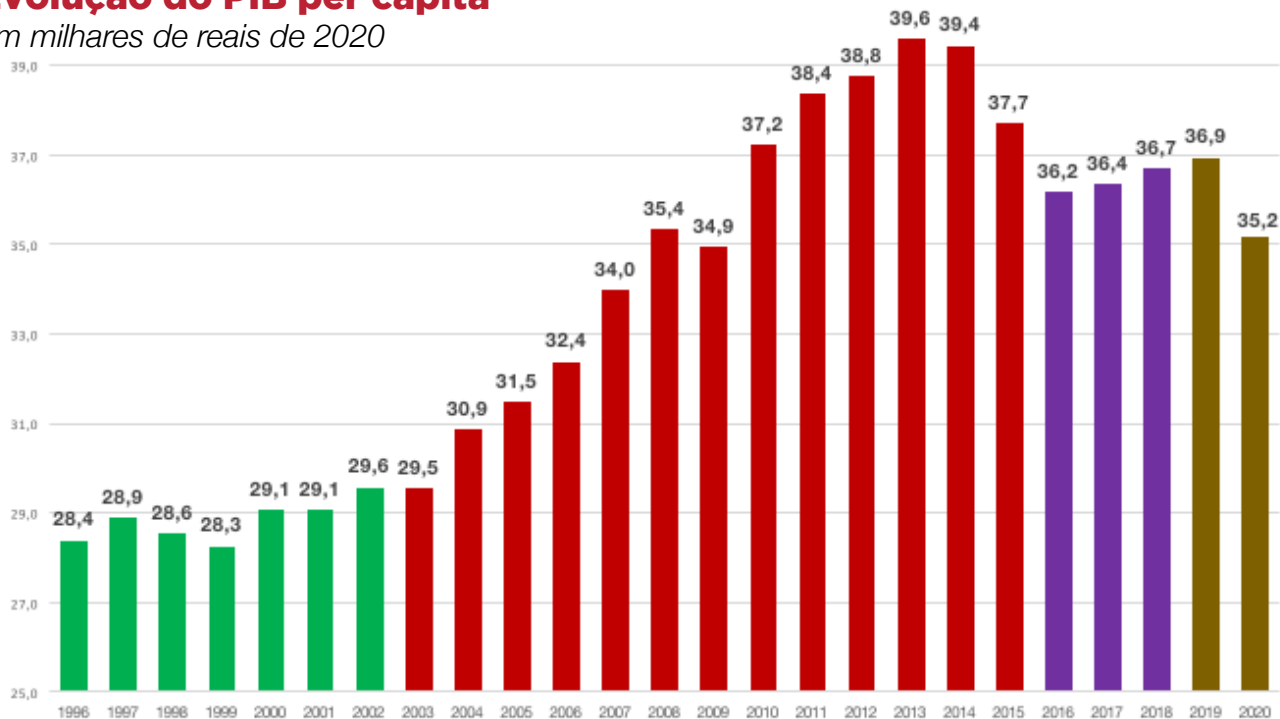
Em trilhões de reais. Período 1995-2020



Fontes: Banco Central e Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Centro de Altos Estudos Brasil Século 21

Evolução do PIB per capita

Em milhares de reais de 2020



Fontes: Banco Central e Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Centro de Altos Estudos Brasil Século 21

se sabe, essa quadra foi marcada pelo cenário externo desfavorável decorrente da crise financeira internacional de 2008, que se prolongou com a crise europeia. Houve no período, a desaceleração do ciclo de consumo e investimento, um cenário de crescentes turbulências políticas a partir de junho de 2013 e, ao final, uma queda expressiva no preço das commodities, que restringiu a expansão de diversos setores econômicos brasileiros.

A queda do PIB ocorrida em 2015 – -3,5% – decorreu da inflexão nos rumos da economia, do agravamento da crise política e dos efeitos disruptivos da operação Lava Jato, que destruiu setores produtivos e empregos em sua estratégia de desmonte das empresas nacionais. A partir da reeleição de Dilma, a oposição passou a apostar no golpe, na instabilidade institucional e na imposição de limites legislativos para a condução da política econômica.

O gráfico 2 aponta que esse ciclo de expansão, após mais de 20 anos de crescimento medíocre da economia, fez com que o PIB brasileiro, a preços constantes, subisse de R\$ 5,3 trilhões (2002) para

R\$ 8,0 trilhões (2014), um aumento de 51%. A crise de 2015, pelas razões apontadas, e a condução da economia dos governos Temer e Bolsonaro, somada aos efeitos da pandemia, fizeram com que o PIB de 2020 retornasse para o patamar de 2010.

O crescimento da economia ampliou a renda por habitante. O gráfico 3 mostra que o PIB per capita subiu de cerca de R\$ 29 mil nos governos de FHC para R\$ 39,4 mil (2014) e R\$ 37,7 mil (2015). Nos governos Temer e Bolsonaro, o PIB per capita retorna aos níveis de 2008.

O fato é que, nos governos petistas, a taxa de crescimento médio anual do PIB per capita foi bastante superior ao verificado nos governos anteriores e posteriores. Observe-se que taxa de crescimento médio anual do PIB per capita subiu de 0,8% (governos FHC) para 2,3% (primeiro governo Lula) e 3,6% (segundo governo Lula). Essa média caiu para 1,5% entre 2011 e 2014 (quase o dobro da verificada entre 1995/2002). O resultado negativo de 2015, como mencionado, deve-se, em grande medida à crise política preparatória do golpe parlamentar que

impôs limites para a condução da política econômica. Esse fato, aliado à “austeridade permanente” adotada no governo Temer, responde pela queda expressiva registrada entre 2015 e 2018, colocando o Brasil numa trajetória de depressão econômica.

Portanto, no caso desses indicadores, não se sustenta a afirmação de que a “crise” que teria sido gerada pelos governos do PT teria sido “fundamentalmente uma crise de irresponsabilidade fiscal”, como o arbítrio mais delirante nunca se cansa de repetir. Mais uma vez, os dados confirmam que a narrativa dominante jamais teve em vista os interesses do Brasil e dos brasileiros. Aquela “crise” inventada só serviu aos interesses econômicos e políticos dos protagonistas da farsa que foi o impeachment de Dilma Rousseff. •

* Doutor em Economia pela Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho da Unicamp.

** Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.

*** Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica da Unicamp.



FELICITAÇÕES Lula cumprimentou o primeiro-ministro Antonio Costa pela vitória absoluta do Partido Socialista

PORTUGAL: MAIORIA SOCIALISTA

Para surpresa de muitos analistas, inclusive dos institutos de pesquisa, o voto útil garante vitória folgada aos socialistas, mas ultradireita cresce. Lula parabeniza premiê Antonio Costa

Os institutos de pesquisa previam disputa acirrada entre o Partido Socialista de Portugal e o Partido Social Democrata, mas uma onda cor de rosa varreu Portugal na última hora. Contrariando as pesquisas de intenção de voto da reta final da campanha, os socialistas conseguiram uma expressiva vitória e garantiu maioria absoluta nas eleições legislativas do domingo, 30.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva comemorou a vitória do PS sob a liderança do primeiro-ministro António Costa. "Quero parabenizar o Partido Socialista e o primeiro-ministro pela grande

vitória nas eleições em Portugal. Toda a sorte na continuidade do trabalho que tem feito na nossa nação irmã portuguesa", escreveu nas redes sociais.

A vitória do PS surpreendeu especialistas, que atribuem o resultado ao chamado voto útil dos eleitores de esquerda. A concentração de votos no PS foi proporcional à redução de cadeiras de partidos menores mais à esquerda. Antigos parceiros dos socialistas na geringonça, a coalizão formada em 2015, o Bloco de Esquerda e o Partido Comunista Português contarão com menos da metade dos deputados que tinham na legislatura anterior.

As pesquisas divulgadas na semana das eleições, que sinalizavam empate técnico entre socialistas e o maior partido da oposição, o PSD (Partido Social-Democrata), de centro-direita, são apontadas como um dos grandes catalisadores do voto útil.

"A possibilidade de uma maioria de direita foi provavelmente algo artificial, construída com base em sondagens que surgiram na última semana de campanha. No fim, ajudou a mobilizar o voto útil para os socialistas", avalia o professor Francisco Pereira Coutinho, da Universidade Nova de Lisboa.

A surpreendente derrota do PS nas eleições municipais em Lisboa,

há quatro meses, pode ter pesado na ponderação. Na ocasião, embora todas as sondagens indicassem vitória confortável do prefeito Fernando Medina, a centro-direita acabou tirando a capital das mãos da esquerda pela primeira vez em 14 anos, elegendo Carlos Moedas, do PSD. Parte do eleitorado de esquerda não compareceu às urnas, já que o voto não é obrigatório no país. O pleito então teve recorde de abstenção. Agora foi diferente.

Agora que detém pelo menos 117 dos 230 cadeiras do parlamento, o PS não precisará dos outros partidos para impor sua agenda legislativa. O PSD conquistou 71 cadeiras. A ultradireita representada pelo Chega fez 12 deputados. E a Iniciativa Liberal, de direita, fez oito. O Bloco de Esquerda elegeu cinco deputados.

“Por vezes, quando há uma dinâmica de a partida já ter um vencedor esperado, parte do eleitorado tende a se desmobilizar. Pode-se interpretar que tenha sido o caso entre eleitores do PS, supondo que Medina já estava reeleito”, diz a cientista política Paula Espírito Santo, professora do Insti-

tuto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, em entrevista à Folha.

Em outubro, o Bloco de Esquerda e os comunistas votaram com a direita para rechaçar o Orçamento apresentado pelo governo liderado pelo ministro Antonio Costa para 2022. Por conta disso, o presidente Marcelo de Sousa optou por dissolver o Parlamento.

Costa responsabilizou os ex-aliados e insistiu que só uma maioria socialista reforçada traria estabilidade ao país. Os ex-parceiros de governo acusaram o premiê de ter provocado a antecipação do pleito mirando justamente a maioria absoluta.

No discurso da vitória, porém, o premiê afirmou que pretende manter o diálogo. “Uma maioria absoluta não é poder absoluto, não é governar sozinho”, afirmou. “Essa maioria será uma maioria de diálogo, com todos que representam os portugueses na sua pluralidade”. Costa disse que só não vai se encontrar com representantes da ultradireita, que deve se tornar a terceira força no Parlamento. •

ARGENTINA: ALBERTO FERNÁNDEZ SE ENCONTRA COM PUTIN EM MOSCOU

O presidente Alberto Fernández reuniu-se na quinta-feira, 3, com o Vladimir Putin, em Moscou. No encontro, o argentino agradeceu à Rússia pelo apoio para o enfrentamento da pandemia, “quando as vacinas eram escassas”. Ele comentou que a Argentina precisa “deixar de ter uma dependência tão grande do Fundo (Monetário Internacional) e dos Estados Unidos” para abrir interlocução com outras nações e organismos.

“A Rússia é um país muito valorizado pela forma como veio em nosso auxílio quando surgiram as

vacinas para combater o coronavírus, em plena pandemia”, lembrou Fernández. “Eles estavam lá quando o resto do mundo não estava nos ajudando com vacinas”, acrescentou.

Putin felicitou a Argentina pelo sucesso na campanha de imunização contra a covid. Ele sublinhou que no último ano houve crescimento da economia. E afirmou que há muitos campos em que as duas nações possam melhorar a cooperação. O presidente da Rússia ressaltou que “há muito potencial no comércio” entre seu país e a Argentina. •

BORIC PROMETE DIÁLOGO NO CHILE

Em entrevista ao programa espanhol *La Base*, na quarta, 2, o presidente eleito do Chile Gabriel Boric disse que a agenda de seu governo terá como princípio o diálogo. Ele assume o governo em 11 de março, quando tomará posse do cargo de presidente.

Boric promete diálogo aberto. “[O Palácio] La Moneda está totalmente tomado por cercas papais e o fato de reabrir simbolicamente as portas mesmo o trânsito ao povo do Chile será muito significativo”, disse.

Durante a entrevista, o presidente eleito abordou os desafios e prioridades de seu governo. Ele sinalizou que vai trabalhar por soluções para enfrentar a crise climática e a seca que afeta o Chile, tratou de segurança e os problemas na educação.

Na terça-feira, o novo líder conversou com o ex-presidente do Uruguai José “Pepe” Mujica, que o saudou efusivamente. Mujica disse que confia nele por sua capacidade e seu “vento fresco de ter uma visão mais aberta do mundo progressista”. Em entrevista à rádio uruguaia M24, Boric falou sobre a importância dos governos de esquerda manterem a defesa dos direitos humanos.

“Estou permanentemente tentando estar sempre ciente de por que chegamos aqui, qual é o mandato que temos, para não nos perdermos no nevoeiro das emergências”, disse Boric. “Estamos aqui não para uma pergunta testemunhal, mas para mudar ou contribuir para mudar para melhor a vida do povo do Chile”. •

8 de fevereiro de 1911

NASCE A ATRIZ LÉLIA ABRAMO

De atividade artística, cultural e política incansáveis viveu Lélia Abramo. Sempre comprometida com as causas sociais, a atriz atuou em dezenas de novelas, filmes e peças de teatro – nos palcos, estreou aos 46 anos de idade na peça “Eles não usam black-tie”, de Gianfrancesco Guarnieri, numa montagem histórica do Teatro de Arena. Lélia foi ainda presidenta do Sindicato dos Artistas de São Paulo e uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores, signatária da ata de fundação da legenda no Colégio Sion. Sua vida está publicada em “Vida e Arte”, da Editora Fundação Perseu Abramo.

5 de fevereiro de 1944

HENFIL NASCE EM RIBEIRÃO DAS NEVES

“O verdadeiro humor dá um soco no fígado de quem oprime”. O autor da frase entendia do assunto como poucos. Henrique de Sousa Filho, o Henfil, está eternizado na história como um dos maiores cartunistas brasileiros. Artista durante a ditadura militar, fez da sua obra instrumento de luta pela democratização do país, pela anistia aos presos políticos e pelas Diretas Já. Sua marca era o desenho humorístico, crítico e satírico, e os personagens tipicamente brasileiros – Os Fradinhos, o Capitão Zeferino, a Graúna, o Bode Orelana, Ubaldo e tantos outros.



7 de fevereiro de 1932

PRIMEIRO DESFILE DE ESCOLAS DE SAMBA NO RIO

O samba desce o morro rumo à cidade. “Terá o público oportunidade de ouvir vários instrumentos mal conhecidos pela maioria da cidade. É o caso, por exemplo, da cuíca, cujo som se destaca de todos pois é único e inconfundível”.

Assim o jornal Mundo Esportivo anuncia o primeiro desfile de escolas de samba do país, realizado na praça 11 de Junho, centro do Rio de Janeiro, em 7 de fevereiro de 1932. Foi no bairro carioca Estácio que surgiu a primeira escola de samba de que se tem

notícia, a Deixa Falar – que depois se fragmentaria em Estácio de Sá, Mangueira e Portela.

Os “bambas” do Estácio inventaram um novo jeito de tocar o samba. Nele, os instrumentos básicos eram violão, cuíca, surdo e tamborim. A batida também mudou e ao invés de se reunir em rodas, o pessoal passou a desfilar, cantando e dançando pelas ruas. A herança musical africana, que já aparecia no lundu e no maxixe, foi apropriada por aqui, se tornando símbolo da brasilidade.

10 de fevereiro de 1955

PSD CONFIRMA JK PARA DISPUTAR A PRESIDÊNCIA

Após um período de intensa disputa interna e de resistência às pressões dos militares e da UDN – fortalecidas no curto governo de Café Filho –, o PSD homologa a candidatura do governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, à Pre-

sidência, por 123 votos a zero, com 36 abstenções. Ele havia anunciado sua intenção de concorrer menos de 90 dias após a morte do Getúlio Vargas – no dia do enterro, já recebera o apoio de Tancredo Neves e Osvaldo Aranha.

Juca Martins

9 de fevereiro de 1967 PROMULGADA A NOVA LEI DE IMPRENSA

É promulgada a nova Lei de Imprensa, que estabelece a censura prévia de espetáculos, cinema, rádio e televisão, além de agravar as penas de jornalistas condenados por suposta ofensa às autoridades. A norma passa a considerar criminosa qualquer publicação que faça “propaganda de processos para subversão da ordem política e social”, com pena prevista de 1 a 4 anos de prisão. A lei proíbe a circulação de livros, jornais e de outras publicações que “atentem contra a moral e os bons costumes”. As restrições se estende a títulos estrangeiros.

8 de fevereiro de 1977 VEREADORES SÃO CASSADOS COM AI-5

O presidente Ernesto Geisel usa os poderes do Ato Institucional nº 5 (AI-5) para cassar o vereador Glênio Peres, líder da bancada do MDB na Câmara Municipal de Porto Alegre. Eleito com apoio da esquerda em outubro de 1976, Peres denunciou em discurso de posse a prática de torturas no país. Seu substituto na liderança, o vereador Marcos Klassmann, repetiu as acusações uma semana depois e também foi cassado. Ernesto Geisel havia começado a usar o AI-5 para cassar mandatos em janeiro de 1976.



10 de fevereiro de 1980 É FUNDADO O PARTIDO DOS TRABALHADORES

Aprovado o Manifesto do Partido dos Trabalhadores, durante reunião de fundação da legenda no auditório do Colégio Sion, em São Paulo, em 10 de fevereiro de 1980. O PT “surge da necessidade sentida por milhões de trabalhadores brasileiros de intervir na vida social e política do país para transformá-la”. Também propõe mobilizar os trabalhadores da cidade e do campo não apenas nos períodos eleitorais e organizá-los para “construir uma sociedade igualitária, onde não haja

explorados nem exploradores”.

Liderado por dirigentes sindicais, o PT atraiu ativistas das Comunidades Eclesiais de Base, ex-militantes de organizações revolucionárias, um respeitável núcleo de intelectuais de esquerda e militantes de movimentos sociais. Como principal liderança do PT, destacava-se o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Luiz Inácio da Silva, que desde 1978 desafiava a ditadura à frente de grandes greves operárias.

Outras datas históricas:

04/02/1913: Nasce a ativista estadunidense Rosa Parks, que lutaria pelos direitos civis da população negra e se tornaria símbolo do movimento

06/02/1912: Nasce o historiador marxista inglês Christopher Hill (John Edward Christopher Hill)

09/02/1912: Nasce o militante comunista Apolônio de Carvalho, reconhecido como combatente das Brigadas Internacionais, na Guerra Civil Espanhola, e herói da Resistência Francesa, durante a Segunda Guerra Mundial

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.

Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

memorialdademocracia.com.br



PIXINGUINHA

Filme apresenta a vida e obra de um dos grandes gênios da MPB, interpretado por Seu Jorge, em exibição no canal Telecine

Bia Abramo

É sempre arriscado classificar algum artista como “gênio”, antes que se passem, pelo menos 100 anos de sua morte. No caso de Alfredo Vianna Filho, Pixinguinha, os 50 anos em 17 de fevereiro de 2023 já bastam.

Nascido em 4 de maio de 1897 em uma família de músicos, Pixinguinha já na infância mostrava habilidade na flauta transversal. O pai, Alfredo Vianna, investiu na carreira na carreira dos filhos, pagando aulas de música para Pixinguinha e os irmãos Otávio, China e Léo.

Foi, no entanto, com Os Oito Batutas, grupo formado para tocar no cinema Palais, que a carreira de Pixinguinha deu um salto. A banda tinha entre seus integrantes o violonista Donga, responsável por registrar e gravar o primeiro samba “Pelo Telefone”, em 1916. As pessoas aglomeravam-se na calçada só para ouvi-los. Começaram a fazer excursões por outros estados, como São Paulo, Minas, Bahia e Pernambuco.

Além do músico Ernesto Nazareth (1863-1934), um dos habituês da antessala do cinema era o milionário mecenas Arnaldo Guinle, que custeou a ida dos Batutas para Paris no início de 1922. Prevista para apenas um mês, a temporada se estendeu até julho. Eles voltaram consagrados, ainda que enfrentassem discriminação e preconceito racial pelo fato de ser um grupo exclusivamente formado por negros.

É esse personagem real que a diretora Denise Sarraceni e a roteirista Manoela Dias transformaram no filme “Pixinguinha, um homem carinhoso”. É um velho projeto de Sarraceni, que pretendia lançar o filme em 2013, quando se completaram 40 anos da sua morte. Ela só retomou a obra em 2016.

Desafio complexo, sobretudo para jovens audiências que talvez lembrem que ele é autor de “Carinhoso”, música que escreveu ao 20 anos e só foi receber letra de João de Barro em 1936, quando a então primeira-dama Darcy Vargas (1895-1968) realizou espetáculo beneficente no Theatro Municipal do Rio de

Janeiro para arrecadar fundos para obras sociais. “Carinhoso” tornou-se a terceira canção mais regravada da MPB, com 411 versões.

Daí também o acerto da dupla Sarraceni-Dias optar por uma cinebiografia, como forma de apresentar esse músico genial às novas gerações. Para o papel de Pixinguinha, convidaram Seu Jorge. A esposa do músico, Betí, estrela da Companhia Negra de Revista e com quem Pixinguinha se casou em 1927, é vivida por Taís Araújo.

Há inserção de poucas cenas documentais, entre elas “Saravah” (1966), que o ator e cineasta francês Pierre Barouh (1934-2016) realizou no Brasil, tendo o violonista e compositor Baden Powell (1937-2000) como mestre de cerimônia, e resgata Pixinguinha, Donga e João da Baiana.

Esse homem “carinhoso” e um poço de generosidade evidentemente não estava isento de tristezas e frustrações. A primeira dela é que se descobriu estéril e não poder ter os “sete, oito” filhos que planejava com Betí. Assim, um dia trouxe o menino de uma vizinha em adoção à brasileira, a quem deu o nome de Alfredo Vinna Neto e o ensinou a tocar piano.

Foi com o Almirante (Tuca Andrada) e seu programa de rádio, que novas gerações de músicos puderam ouvir novamente Pixinguinha. Ele atraiu admiradores, como Tom Jobim e Hermínio Bello de Carvalho.

Pixinguinha morreria de infarto aos 75 anos, dois sábados antes do Carnaval, na Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. A Banda de Ipanema, em ensaio pré-carnavalesco, começou a tocar Carinhoso em sua homenagem.

“Pixinguinha, um homem carinhoso” está em exibição no canal Telecine. •

Venício A. de Lima

PAULO FREIRE

A prática da
liberdade,
para além da
alfabetização

O livro está disponível no site
da Fundação Perseu Abramo
fpabramo.org.br

autêntica



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



BRASIL: CINCO ANOS DE GOLPE E DESTRUIÇÃO

SANDRA BRANDÃO | (ORG.)

APRESENTAÇÃO | DILMA ROUSSEFF

PREFÁCIO | ALOIZIO MERCADANTE

O livro está disponível no site
da Fundação Perseu Abramo
fpabramo.org.br

